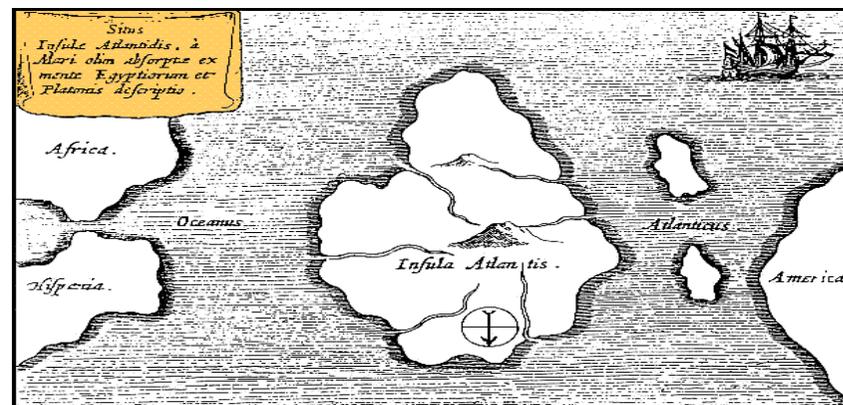


**CADERNOS de ESTUDOS
AÇORIANOS**

**REVISTA DE
ESTUDOS
LUSÓFONOS,
LÍNGUA E
LITERATURA,
DOS COLÓQUIOS DA
LUSOFONIA**



CADERNO Nº # 40 - EDIÇÃO abril 2022

DEDICADO A MARIA JOÃO RUIVO

Todas as edições em <http://www.lusofonias.net>
<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>
E no nº 5 da Revista de Estudos Lusófonos, Língua e Literatura
<https://www.lusofonias.net/documentos/revistas.html>

Editor AICL - Colóquios da Lusofonia Chrys Chrystello
COORDENADORA DOS CADERNOS 2021-2022
– Susana L M Antunes

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por ©™ COLÓQUIOS DA LUSOFONIA AICL,
ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

DVD ISSN 2183-9115 ONLINE ISSN 2183-9239



NOTA INTRODUTÓRIA

CHRYS CHRYSTELLO

Editor, Cadernos de Estudos Açorianos

Presidente da Direção da AICL, COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

No 11º Colóquio da Lusofonia [Lagoa 2009, então denominado 4º Encontro Açoriano] decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos da UAç (criado e ministrado por Martins Garcia e, posteriormente, por Urbano Bettencourt em Ponta Delgada).

Concebemos e organizamos em Braga, na Universidade do Minho, um Curso Breve **AÇORIANIDADE(S) e INSULARIDADE(S)** com a colega Rosário Girão (25 set. 2010-14 fevº 2011) e até hoje, aguardamos uma associação com uma entidade universitária para que o curso possa ser dado em linha (online) para todo o mundo, com o nosso apoio e dos autores nossos parceiros revertendo os proventos de inscrição para a entidade que queira apostar neste curso.

Depois de 2011 foi possível a alunos de mestrado e de doutoramento, na Universidade do Minho, na Roménia e Polónia, trabalharem autores açorianos, e traduzirem excertos em 14 línguas (francês inglês, italiano, chinês, árabe, romeno, polaco, russo, búlgaro, alemão, neerlandês, flamengo, castelhano e catalão). Assim, alguns desses autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia. Decidimos então criar no portal www.lusofonias.net da AICL- COLÓQUIOS DA LUSOFONIA ([Cadernos de Estudos Açorianos e Suplementos \(lusofonias.net\)](http://www.lusofonias.net)) uma publicação trimestral: os **CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre a peculiar e rica escrita, que entendemos ser diferente, para não dizer única.

¹ Adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino (autor de *Narcose*, e que no meu caso pessoal tão bem me caracteriza

Foi em janeiro 2010 que brotaram estes despreziosos **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. São de especial interesse para escolas, universidades e para os amadores da literatura em geral e destinam-se a quem anseia descobrir a Açorianidade literária. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a AÇORIANIDADE LITERÁRIA¹ servindo de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL-COLÓQUIOS DA LUSOFONIA já publicou².

Os Cadernos de Estudos Açorianos foram até 2016 uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Reitera-se que não há qualquer critério - além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores. Por falta de coordenador, estiveram suspensos e em 2020 foi nomeada a colega SUSANA ANTUNES como nova Coordenadora dos Cadernos. Além dos Cadernos Açorianos editamos, esporádica e aleatoriamente, SUPLEMENTOS AOS CADERNOS AÇORIANOS que servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos participantes ou pelos próprios.

Acolhemos como premissa o conceito de Martins Garcia que admite uma literatura açoriana «... *Enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência*”.

A açorianidade literária (termo inicialmente cunhado por Vitorino Nemésio na revista *Insula* em 1932, em paralelo com a *Hispanidad* de Miguel de Unamuno), não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura, tais como a solidão, o mar, a emigração. Como escreveu J. Almeida Pavão (1988).

“ ... *Assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da [Literatura Continental]*”.

Assim, para nós [AICL- COLÓQUIOS DA LUSOFONIA], é Literatura de significação açoriana.

“...*A escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a*

² Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos, Antologia (monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos, Coletânea de textos dramáticos de (5) autores açorianos, Antologia no feminino “9 ilhas, 9 escritoras”

vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem”.

A AICL- COLÓQUIOS DA LUSOFONIA entende que o rótulo comum de açorianidade abarca extratos diversos de idiossincrasias:

- *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*
- *O dos insularizados ou «ilhanizados³» e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*
- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

Muitos dos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **Antologia monolíngue** em 2012, na **Coletânea de Textos Dramáticos** de 2013, a que seguiu, em 2014, uma **Antologia no Feminino “9 ilhas. 9 escritoras”**. Nos CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS já se publicaram quatro dezenas dedicados a autores contemporâneos (a maioria presente nos colóquios):

Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá. Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Álamo Oliveira, Caetano Valadão Serpa, Machado Pires, Fernando Aires, Mário Machado Fraião, Emanuel Félix, Eduardo Bettencourt Pinto, Eduíno de Jesus, Onésimo Teotónio Almeida, Maria de Fátima Borges, Marcolino Candeias, Norberto Ávila, Victor Rui Soares, José Martins Garcia, Joana Félix, José Nuno da Câmara Pereira, Manuel Policarpo, Tomaz Borba Vieira, Maria das Dores Beirão, Maria Luísa Soares, Susana Teles Margarido, Madalena San-Bento, Carlos Tomé, Brites Araújo, Maria Luísa Ribeiro, Carolina Cordeiro, Pedro Paulo Câmara. José Nuno da Câmara Pereira II, José Luís da Silva, João Pedro Porto, Diniz Borges. Francisco Cota Fagundes, Pedro Almeida Maia, Diogo Ourique e agora Maria João Ruivo

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a BGA bibliografia geral da açorianidade, compilada ao longo de sete anos (2010-2017). Incluímos nela todos os autores (açorianos residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais, ilhanizados, açorianizados ou não, que escreveram sobre autores e temáticas açorianas, incluindo (por exemplo) Santa Catarina (Brasil), Canadá, EUA, Bermudas, Havai, etc. Incluíram-se referências bibliográficas a histórias da diáspora, da

colonização do Canadá, EUA, Brasil, da caça à baleia e tantos outros temas relacionados com a saga açoriana no mundo. Não se privilegiou a literatura, mas sim todos os ramos do saber sobre os quais se publicaram trabalhos, desde a biologia à botânica, à história, ciências sociais, etc.

A listagem abarca autores mais recentes da diáspora, de origem ou descendência açoriana e que dela se servem para a sua escrita. Adicionaram-se, em muitos casos, outros trabalhos destes autores bibliografados que podem nada ter a ver diretamente com os Açores, mas que dão a sua dimensão como autores. De uma forma geral estão aqui incluídos todos os trabalhos que já logramos identificar, direta ou indiretamente, sobre os Açores, seus temas e seus autores. Exaustiva é sem dúvida esta Bibliografia, ainda muito incompleta, iniciada por mim em 2010, mas decerto indicadora do que se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido sobre os Açores, seus temas, a autores, tradições, etc. Nem todos os trabalhos serão obras-primas ou relevantes, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Em 2017, o ICPD (João Paulo Constância), em o académico Rolf Kemmler da Academia de Ciências de Lisboa e UTAD, fizeram uma revisão metodológica aos dados da Bibliografia, publicada em livro de 2 volumes, pela Letras Lavadas em cuja Livraria de Ponta Delgada pode adquirir ou encomendar.

A BGA está atualmente em atualização em linha [5 BGA Bibliografia G Açorianidade \(lusofonias.net\)](#) .

Nomeada a colega Susana Antunes como Coordenadora dos Cadernos de Estudos Açorianos já publicou novos Cadernos (nº 34 JOSÉ LUÍS DA SILVA, Nº 35 JOÃO PEDRO PORTO, Nº 36 DINIZ BORGES, Nº 37 FRANCISCO COTA FAGUNDES, Nº 38 PEDRO ALMEIDA MAIA, nº 39 DIOGO OURIQUE e agora o nº 40 MARIA JOÃO RUIVO).

Os Cadernos Açorianos entre 2010 e 2021 inclusive foram incluídos no nº 5 da Revista de Estudos Lusófonos, Língua e Literatura <https://www.lusofonias.net/documentos/revistas.html>

Biodados e Bibliografia



Maria João Machado Ruivo Amaral Sousa nasceu em São Miguel - Açores, em 1965. Completou os estudos secundários no Liceu Antero de Quental, onde leciona Português há trinta e três anos, tendo-se licenciado, em 1989, em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Inglês – via ensino).

Tem algumas publicações dispersas em jornais da região (crónica, conto e escrita memorialística) e em revistas como a *Insulana* (Instituto Cultural de Ponta Delgada). Tem colaborado, igualmente, em diversas edições coletivas (autores da Macaronésia e autores luso-brasileiros, entre outros). Tem, igualmente, prefaciado alguns livros.

Em 2011, publicou o Livro de Homenagem a seu Pai – *Fernando Aires - Era uma Vez o seu Tempo* – numa coordenação conjunta com Onésimo Almeida e Leonor Simas Almeida. Dois anos depois, publicou, juntamente com o marido, o fotógrafo José Franco, o livro *Sentir(es) a Preto e Branco*, uma simbiose de texto com fotografia. Coordenou, ainda, a Reedição da obra diarística

integral, da autoria de Fernando Aires, *Era uma Vez o Tempo*, que veio a lume em dezembro de 2015, com a chancela da editora Opera Omnia. Em 2017, publicou o 1º volume do seu próprio Diário, que já vai numa segunda edição – *Um Punhado de Areia nas Mãos* – numa edição das Letras Lavadas.

É membro do Instituto Cultural de Ponta Delgada e secretária da Comissão de Toponímia e Património da Câmara Municipal da mesma cidade, pertencendo à Comissão Consultiva da candidatura desta cidade a Capital Europeia da Cultura.

Bibliografia:

- *Um Punhado de Areia nas Mãos* – Diário I. Ed. Letras Lavadas. Ponta Delgada, 2017

Colaborações em Publicações conjuntas:

- “Andamentos de um Diário”, in *Insulana* LXVIII, 2012 – Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada
- *Sentir(es) a Preto e Branco* – Fotografias (José Franco) e Textos (Maria João Ruivo). Letras Lavadas, 2013
- “Antero de Quental – Esboço de uma abordagem para os alunos de hoje”, in *Antero 125 anos Depois* – Eduíno de Jesus, João Paulo Constância, José Andrade, Maria João Ruivo. Ed. Associação dos Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental. Ponta Delgada, 2016
- “O Exame”, in *Açores - Porto Alegre: Contistas Geminados II* – António Soares (coord.) e outros. Turiscon Editora – Porto Alegre / Brasil, 2018
- “Era uma vez...aquele tempo”, in *O Livro da Amizade* – João Carlos Abreu (coord.). Ed. O Liberal - Funchal, 2018
- “A Casa” e “Abraço Atlântico”, in *Abraço Atlântico* – João Carlos Abreu (coord.). Edições Fraternitas – Funchal, 2020

- “Minha casa, minha brasa”, in *Autores Luso-Brasileiros 2020 – Sala Açoriana de Triunfos* – António Soares (coord.) e outros. Edição Autor Luso-Brasileiro – Brasil, 2020
- “Memórias Soltas de uma Novela do Minho”, in *Avós: Raízes e Nós* – Aida Batista (org.) e outras. Ed. Alma Letra. Lisboa, 2020
- “Entre-Margens” in *Avenida Marginal – Ficções*, Ponta Delgada, Maria Helena Frias (coord.). Artes e Letras, 2022
No Prelo:
- “Ensino: é urgente reabilitar a(s) Humanidade(s)” in *Teoria da Educação e Formação de Professores: Conceções, Perspetivas e Práticas*, Emanuel Oliveira Medeiros (Coord.) Ed. MIL, 2021

Recensões da autora - Jornais:

- Maria João Ruivo - “O livro do João de Melo...” – *Jornal Correio dos Açores* / 3 de setembro, 2020
- Maria João Ruivo - “No Princípio era o Verbo” – Recensão sobre o livro do Eduíno de Jesus – *Semanário Atlântico Expresso* / 31 de maio, 2021

Desvelando, ao de leve...

O **Livro** de João de Melo, cheio de **Vozes e Sombras**

Uma das minhas leituras deste último mês de julho. Inevitavelmente. *Livro de Vozes e Sombras*, de João de Melo. Um livro, quanto a mim, de desencantos profundos e fortemente sustentados na visão experiente e arguta do seu autor.

No verão de 1975, eu tinha nove anos. Nada à minha volta parecia complicado. O contacto mais “profundo” que tive com as

conturbações políticas da época deu-se numa tarde em que atravessava a Avenida Marginal, em Ponta Delgada, e vi um enorme ajuntamento de pessoas, em turbilhão, a ser controlado pela Polícia de Choque, que eu nem imaginava que existia. Valeu-me o meu Pai que, *por acaso ou milagre*, lá apareceu e me levou a salvo para casa. Isto para dizer que *Revolução, Ditadura, Causa Separatista* eram, para mim, expressões soltas, perfeitamente abstratas e demasiado distantes do mundo protegido da minha infância.

Fui crescendo e, *aqui pecadora me confesso*, não cheguei a aprofundar a causa separatista. Li coisas dispersas, ouvi outras tantas, é claro, mas nada que me convencesse a tomá-la como causa minha. Desde que penso sobre o assunto, não consegui identificar-me com esse desejo de Independência. Nunca me senti de outra pátria que não a portuguesa, embora adore o canto dela onde nasci. Pátria é o nosso percurso histórico, que cria o espírito de um país, uma identidade cultural em que cada um de nós, individual e coletivamente, se reconhece. Gosto de sentir que tenho raízes fundas, sinais de um tempo mais velho do que o da juventude da Ilha.

Este breve começo vem um pouco para justificar que, embora estejamos perante um livro que lança um forte olhar sobre a nossa História recente, optei por defender-me do que não sei a fundo dessa época e foi sobretudo como ficção que o li, pensando que um autor com a dimensão do João de Melo olha necessariamente para o seu e para outros tempos, usando a liberdade ficcional que entender.

Não queria aqui dizer banalidades, que se esvaziam de imediato, mas gostei muito de lê-lo. É uma obra ousada, de perdas e de desencantos, como já disse. Foi, certamente, escrita

a pulso, pois é difícil desfazer os mitos e os sonhos de grandeza, transformando heróis – falsos ou verdadeiros – em gente de carne e osso, o reverso da medalha da “Ilha dos Amores”, em que os homens ascendem à condição de semideuses.

Açores, África e Lisboa – três grandes universos do autor, que se entrelaçam neste romance, constituído por sete sequências que conseguem reunir a questão açoriana, o fim da Guerra Colonial e a Revolução em Lisboa que, de certa forma, surge como símbolo do declínio. Dos três espaços, a capital é, curiosamente, o mais “periférico”, na minha opinião. A ação desenrola-se em tempos também distintos, criando uma teia que se vai urdindo habilmente.

É o próprio autor que diz, numa longa entrevista que deu no JL, de 30 de junho passado, que “(...) O 25 de Abril e a Revolução dos Cravos transformaram-se na solução política de três guerras coloniais que tão cedo não conheceriam vencedores nem vencidos. O paralelismo das situações reside nos seus contrários: Açores *versus* Lisboa e a sua esquerda política; a África branca *versus* movimentos negros de libertação, mais a perda e o retorno à chamada Metrópole. Fui em busca de uma nova mitologia histórica: aquela que nós, que tudo vivemos, não soubemos passar à ‘geração seguinte’. Foi também para ela que escrevi o romance.” (*Jornal de Letras*, pág. 13).

Este livro é tudo isto e muito mais e exigiu do autor uma longa investigação de factos, dos seus protagonistas e também das suas vítimas, para poder, livremente, criar uma ficção que traz, ainda, a novidade de abordar literariamente a existência e a atuação da FLA (Frente de Libertação Açoriana).

Surgem aqui várias personagens fortíssimas e surpreendentes, que o leitor irá conhecendo, mas destaco uma

que é, para mim, particularmente fascinante - Ângela Mendes Pinto, cega de nascença, mas que vê muito para além do que os outros conseguem ver. Nela encontro muito do humanismo e da sensibilidade do seu criador. É uma voz que nos embala, contra a cruzeza e a brutalidade da raça humana. Aqui fica uma passagem, em primeira pessoa: *Eu, Ângela Maria Mendes Pinto, nascida para ser o feminino do anjo e comigo trazer a maldição e a cegueira da pedra, perdi-me afinal de tudo: da minha casa da infância em Munakala, da ordem interna, dos destinos do meu bando. Sou uma ave sacrílega, a que enfrenta sozinha o vento contrário na noite do mundo. Só tenho a memória. Os sentidos, a pele, e o ser dos humanos, tudo se submete à existência primordial da memória. Esse o meu segredo. Em tudo o mais, é a natureza em mim; efémera como o fogo, a erva, a chuva que às vezes passa sobre o fogo e sobre a lenha – mas sem apagar o lume nem molhar a lenha.* (*Livro de Vozes e Sombras* – Publicações Dom Quixote, Junho de 2020, página 117).

O ambiente social e político de São Miguel nesse tempo e a sua paisagem esmagadora; as longas noites de África – os seus amores e os seus ódios, mistérios e encantamentos; o ambiente conturbado de Lisboa, nos sonhos e nas desilusões. Tudo pela mão do João de Melo.

Fica tanto por dizer desta obra complexa e com um enredo labiríntico. Uma obra sobre o desfazer dos sonhos dos homens e dos heróis por ser. **Livro de Vozes** várias e dispersas que o universalizam e **Sombras** - os pequenos mistérios de que somos feitos e que nos ensombram os desejos, fazendo-nos questionar constantemente sobre o nosso papel no teatro do mundo.

Maria João Ruivo, agosto, 2020



LIVRARIA SOLMAR, COM URBANO BETTENCOURT E EDUÍNO DE JESUS (ABRIL 2018)



LIVRARIA SOLMAR. ATIVIDADE "LER NA LIVRARIA" (2019)



LANÇAMENTO DO LIVRO ANTERO, 125 ANOS DEPOIS, BIBLIOTECA DA ESC. SEC. ANTERO DE QUENTAL, P. D. (2017)

Desvelando, ao de leve...

O Livro de João de Melo, cheio de Vozes e Sombras



Por: Maria João Ruivo

Uma das minhas leituras deste último mês de julho. Inevitavelmente, Livro de Vozes e Sombras, de João de Melo. Um livro, quanto a mim, de desencantos profundos e fortemente sustentados na visão experiente e arguta do seu autor.

No verão de 1975, eu tinha nove anos. Nada à minha volta parecia complicado. O contacto mais "profundo" que tive com as conturbações políticas da época deu-se numa tarde em que atravessava a Avenida Marginal, em Ponta Delgada, e vi um enorme ajuntamento de pessoas, em turbilhão, a ser controlado pela Polícia de Choque, que eu nem imaginava que existia. Valeu-me o meu Pai que, por acaso ou milagre, lá apareceu e me levou a salvo para casa. Isto para dizer que a Revolução, Ditadura, Causa Separatista eram, para mim, expressões soltas, perfeitamente abstratas e demasiado distantes do mundo protegido da minha infância.

Fui crescendo e, aqui pecadora me confesso, não cheguei a aprofundar a causa separatista. Li coisas dispersas, ouvi outras tantas, é claro, mas nada que me convencesse a tomá-la como causa minha. Desde que penso sobre o assunto, não consigo identificar-me com esse desejo de Independência. Nunca me senti de outra pátria que não a portuguesa, embora adore o canto dela onde nasci. Pátria é o nosso percurso histórico, que cria o espírito de um país, uma identidade cultural em que cada um de nós, individual e coletivamente, se reconhece. Gosto de sentir que tenho raízes fundas, sinais de um tempo mais velho do que o da juventude da ilha.

Este breve começo vem um pouco para justificar que, embora estejamos perante um livro que lança um forte olhar sobre a nossa História recente, optei por defender-me do que não sei a fundo dessa época e foi sobretudo como ficção que



o li, pensando que um autor com a dimensão do João de Melo olha necessariamente para o seu e para outros tempos, usando a liberdade ficcional que entende.

Não queria aqui dizer banalidades, que se evaziarem de imediato, mas gostei muito de lê-lo. É uma obra ousada, de perdas e de desencantos, como já disse. Foi, certamente, escrita a pulso, pois é difícil desfazer os mitos e os sonhos de grandeza, transformando heróis - falsos ou verdadeiros - em gente de carne e osso, o reverso da medalha da "Ilha dos Amores", em que os homens ascendem à condição de semi-deuses.

Açores, África e Lisboa - três grandes universos do autor, que se entrelaçam neste romance, constituído por sete sequências que conseguem reunir a questão açoriana, o fim da Guerra Colonial e a Revolução em Lisboa que, de certa forma, surge como símbolo do declínio. Dos três espaços, a capital é, curiosamente, o mais "periférico", na minha opinião. A ação desenrola-se em tempos também distintos, criando uma teia que se vai urdindo habilmente.

É o próprio autor que diz, numa longa entrevista que deu no JL, de 30 de junho passado, que "(...) O 25 de Abril e a Revolução dos Cravos transformaram-se na solução política de três guerras coloniais que tão cedo não conheceriam vencedores nem vencidos. O paralelismo das situações reside nos seus contrários: Açores versus Lisboa e a sua esquerda política; a África branca versus movimentos negros de libertação, mais a perda e o retorno à chamada Metrópole. Foi em busca de uma nova mitologia histórica: aquela que nós, que tudo vivemos, não soubemos passar à 'geração seguinte'. Foi também para ela que escrevi o romance." (Jornal de Letras, pág.13).

Este livro é tudo isto e muito mais e exigiu do autor uma longa investigação de factos, dos seus protagonistas e também das suas vítimas, para poder, livremente, criar uma ficção que traz, ainda, a novidade de abordar literariamente a existência e a atuação da FLA (Frente de Libertação Açoriana).

Surgem aqui várias personagens fortíssimas e surpreendentes, que o leitor irá conhecendo, mas destaco uma que é, para mim, particularmente fascinante - Angela Mendes Pinto, cega de nascença, mas que vê muito para além do que os outros conseguem ver. Nela encontro muito do humanismo e da sensibilidade do seu criador. É uma voz que nos embala, contra a cruzeza e a brutalidade da raça humana. Aqui fica uma passagem, em primeira pessoa: *Eu, Angéle Maria Mendes Pinto, nascida para ser o feminino do enjo e comigo trazer a maldição e a coqueira da pedra, perdi-me afinal de tudo: da minha casa da infância em Munakala, da ordem interna, dos destinos do meu bando. Sou uma ave sacrilega, a que enfrenta sozinho o vento contrário na noite do mundo. Só tenho a memória. Os sentidos, a pele, e o ser dos humanos, tudo se submete à existência primordial da memória. Esse o meu segredo. Em tudo o mais, é a natureza em mim: efêmera como o fogo, a erva, a chuva que às vezes passa sobre o fogo e sobre a lenha - mas sem apagar o lume nem molhar a lenha.* (Livro de Vozes e Sombras - Publicações Dom Quixote, Junho de 2020, página 17).

O ambiente social e político de São Miguel nesse tempo e a sua paisagem esmagadora; as longas noites de África - os seus amores e os seus ódios, mistérios e encantamentos; o ambiente conturbado de Lisboa, nos sonhos e nas delusões. Tudo pela mão do João de Melo.

Fica tanto por dizer desta obra complexa e com um enredo labiríntico. Uma obra sobre o desfazer dos sonhos dos homens e dos heróis por ser. Livro de Vozes várias e dispersas que o universalizam e Sombras - os pequenos mistérios de que somos feitos e que nos ensoambram os desejos, fazendo-nos questionar constantemente sobre o nosso papel no teatro do mundo.

Agosto de 2020



CASA DOS AÇORES DE LISBOA, COM UM ANTIGO ALUNO - LANÇAMENTO DO MEU DIÁRIO (2017)



DELEGAÇÃO DE ALUNOS DA ESC. SEC. ANTERO DE QUENTAL PARA UMA SESSÃO NACIONAL DO PARLAMENTO EUROPEU DOS JOVENS (2010)



VIAGEM A LOWENBERG COM A DELEGAÇÃO DE ALUNOS DO PARLAMENTO EUROPEU DOS JOVENS (2010)



VIAGEM AO CONTINENTE COM 40 ALUNOS DA ESC. SEC. ANTERO DE QUENTAL. PROJETO "PERCURSOS LITERÁRIOS" (2014)



LANÇAMENTO DE UM PUNHADO DE AREIA NAS MÃOS, NA LIVRARIA SOLMAR, COM JOÃO DE MELO E JOSÉ CARLOS FRIAS (2017)



No Princípio Era o Verbo

Eduíno de Jesus,
Como Tenuíssima Espuma de Luz (Poética Fragmentária).
 Ponta Delgada, Nona Poesia / Nova Gráfica, 2021
 Por Maria João Ruivo

O SOPRO

1

como tenuíssima espuma de luz
 eco perdido
 da primeira vibração

algures
 no imo do infinito
 Nada

2

como um fogo
 ainda não e
 jamais acendido

frémito de nenhuma
 coisa ou alma
 digamos

3

súbito
explode no âmago da Palavra
irrompe indomável
em todos os sentidos do Sentido

e
o corpo do poema
ergue-
-se

e s p l ê n d i d o !

Eduíno de Jesus, 1992

“Silêncio” é uma palavra que se ergue na poesia de Eduíno de Jesus e que, de certa forma, a estrutura. Esse silêncio recolhido é o momento em que ele dialoga consigo e com o universo que o rodeia e que o leva a uma constante indagação sentindo, por vezes, que não há as palavras certas para configurar todo esse universo reflexivo, o que o conduz à angústia frequente, talvez quase permanente, de sentir que fala uma linguagem que nem sempre é apreendida pelos outros.

*“Vã palavra do Poeta:
inútil como o silvo
de, em qualquer ponto da Terra,
uma flecha disparada ao Infinito”,
diz ele no poema “Lápide” (pág. 15 de Como Tenuíssima Espuma de Luz).*

Assim, creio que o Silêncio é a oportunidade de refúgio e de indagação sobre si próprio e o universo, com o qual dialoga há muito tempo. No poema “Frémite” (pág. 86), o eu poético tenta reconstruir, a sós consigo, a sua destruída torre de marfim, “meu refúgio antigo” (diz ele). E é sempre a velha angústia de não encontrar a palavra certa para se pronunciar, como expressa na seguinte estrofe:

*Enquanto nos meus lábios morre
a palavra para que não
posso inventar pronúncia.*

Poderia aqui apresentar muitos exemplos retirados da sua Poesia como sinal de que, para Eduíno de Jesus, a Palavra é o começo e o fim de quase tudo.

Em “O Sopro” (pág. 20), cujo primeiro verso dá o título a este livro, o Poeta busca, a meu ver, a origem do Poema, como quem busca a origem de Tudo. Ele apresenta ao nosso olhar de leitores aquele breve momento em que, do Nada, surge o Universo, tal como do caos das palavras possíveis surgirá o Poema.

No primeiro verso, tudo aponta para algo ténue, volátil, nessa fragilidade de um começo que é, por isso mesmo, quase invisível, ideia evidenciada pelo adjetivo “tenuíssima”, que surge no superlativo, e na metáfora “espuma de luz” – algo frágil que se desfaz com um sopro, mas que é, todavia, animado pela luz, que remete para a origem, essa “primeira vibração”, espécie de esboço do que virá a ser a vida, esse frémite primeiro, vindo do

âmago do Nada, que se anima e que deixou um “eco perdido”, que vem da lonjura do Começo e que o homem anseia encontrar, achando que nele estarão as respostas para os enigmas ligados a esse Nada que deu origem a Tudo e que os homens buscam desde sempre.

Ao mesmo tempo, temos “um fogo” ainda não e / jamais acendido // frémito de nenhuma / coisa”, remetendo, pelos próprios termos da negação – “não”, “jamais” e “nenhuma” – para o mesmo Nada, mas “frémito”, apesar de tudo, confirmando essa “primeira vibração” que, de súbito, surge do mais fundo da Palavra, dando origem ao Poema. Assim, tal como a vida, que não havia ou não se havia revelado, surge nessa explosão inicial, esse *big bang* de que tudo descende, também o Poema se ergue “esplêndido” e se torna revelação pela Palavra.

Esta ideia remete para o Apóstolo João: “No princípio era o Verbo”, cuja explicação me ultrapassa, mas que implicaria que, sem a Palavra (o Verbo), nada poderia existir. Do Nada, tudo surge pelo poder ativo da Palavra. Aliás, quando São João afirma que “no princípio era o verbo”, a expressão “no princípio” remete para o Génesis - “No princípio criou Deus o céu e a terra”. Poderemos ter em conta que essa expressão remeterá para o começo material do universo ou, pelo menos, para a noção espaciotemporal. Além de que, se no princípio *era* o Verbo, poderíamos achar que, antes de o mundo existir, já o Verbo existia.

Não pretendo resvalar aqui para um terreno que não domino, mas, ao ler este “Sopro”, não pude deixar de pensar nessa questão, por difícil que seja entendê-la efetivamente e cujo aprofundamento deixarei para quem sabe. De qualquer modo, achei ver aqui colocada esta problemática da origem. De

uma outra forma, esta ideia está também presente no poema “As Palavras” (p. 37), que o autor dedica a meu Pai, Fernando Aires, em que mostra, mais uma vez, esse poder iniciático da Palavra. E cito:

*Imprecisas? Volúveis? Mas inamovíveis,
elas lá ficam na página branca
à espera de um Levanta-te e caminha
de qualquer voz humana.*

A poesia do Eduíno leva-nos por caminhos imensos, não fáceis de trilhar, e torna -se uma procura e uma descoberta permanentes, pois sugere, mais do que diz, deixando algum caminho aberto ao leitor. Ele encontra nas virtualidades da Palavra uma forma de busca, de indagação permanente. E a busca é uma forma de vida sonhada, pois o mundo é um grande mistério ainda por desvelar. Sendo assim, a Palavra transforma-se em Poema, dando, então, ao Poeta, o privilégio de buscar a origem ao mesmo tempo que vai criando a eternidade possível.

*As palavras, meu Deus, como são
Imprecisas, volúveis. No entanto,
elas só (enquanto os homens passam)
guardam para sempre o sinal do tempo. (“As Palavras”, pág. 37)*

Ponta Delgada, maio de 2021

Maria João Ruivo

Um Punhado de Areia nas Mãos – Maria João Ruivo

O mais profundo e significativo de nós em nenhuma circunstância vem à luz do sol.

Miguel Torga



Eu e filhos na Lagoa do Fogo – “Personagens” e “cenário” do meu Diário (dezembro, 2017)

Obra geradora de outras obras, o diário alcançou, nos dias de hoje, também pelo caráter híbrido do seu conteúdo, uma enorme importância; erigiu-se em mais-valia para os estudos literários, provocou a investigação sobre a escrita do eu e, não negando as bases de que deriva no século XIX – cristianismo, individualismo e capitalismo –, ganhou autonomia enquanto género, tendo em Maria João Ruivo uma cultora cuja

singularidade e determinadas especificidades, lhe conferem, em Portugal, um estatuto próprio.

Um Punhado de Areia nas Mãos cumpre os requisitos do género: fragmentação, repetição, capitalização de vivências; exercício espiritual, refúgio, exame de consciência... Sendo o diário de uma estreada, (...) vai fazendo excelentes progressos à medida que a obra avança. Profundamente marcada pela excelência do de seu Pai, Fernando Aires, *Era uma Vez o Tempo*, revela os constrangimentos normais relativamente ao modelo que, desde logo, se configura irrepetível.

Contudo, a humildade da autora faz prova da sua grandeza. No livro encontram-se vestígios da obra de Torga e de Sebastião da Gama, havendo quatro veios gnosiológicos claramente marcados – a morte, a ilha, o professorado, a metaliteratura – em que o transmitido o é em função do sujeito cognoscente.

Quanto à morte, a obra é, também, um processo catártico, panaceia da partida de um pai que tem na filha uma profunda admiradora a vários níveis: o homem, o professor, o escritor, o pai. A frequência da escrita aumenta com o desaparecimento de Fernando Aires que Maria João assinala em belas e antológicas páginas: “Pois é, Pai. Aconteceu. O horror de perder-te aconteceu [...] E aqui estou eu, na sombra dos teus passos, a atrever-me na expressão escrita daquilo que senti quando partiste” (pp. 60-61). Desde aquele dia 9 de novembro de 2010, o sofrimento expande-se em golfadas. As referências à figura paterna são recorrentes, sobretudo a propósito de coisas em comum. E são algumas, tantas quanto os veios que atravessam este *Diário*. Os Professor

que foi, as ilhas que celebrou, o escritor incontornável chamam-no sistematicamente à colação. Modelo que foi para a filha, torna-se uma memória constante quer através de algumas entradas, quer do esforço por ela feito para, muito justamente, com o auxílio dos amigos, perpetuar a sua obra.

A relação que a autora tem com as Ilhas é mágica nas contradições apostas. Açoriana convicta, apaixonada pelos costumes e tradições da terra que revaloriza, frequentadora das suas festas, espetáculos e tertúlias, fascinada pelas paisagens mais recônditas, identificada com o liceu onde estudou e ensina, em certos momentos não descarta “pegar na trouxa e zarpar para onde o destino quiser” (p. 182). Penso ser o sentimento não só do ilhéu, embora sobretudo deste, mas também de quem não se consegue circunscrever a um determinado espaço e persegue o conhecimento que se adquire na experiência da viagem. Assim o diz: “Nasci em S. Miguel – Açores. Aqui vivi toda a minha vida, mas, ao contrário de muitos conterrâneos meus, sinto-me sempre, acima de tudo, de alma portuguesa. Sou da ilha, mas é Portugal que mais me toca e comove. [...] Tenho-lhe amor, mas não é à ilha que dedico o meu sentimento de pertença a um lugar no globo.” (p. 98). É, no entanto, a Ilha que enforma os microcosmos da sua infância que recorrentemente refere; é nela que estão as suas raízes e, apesar de tudo, é nela que vai ficando extasiando-se com a variedade paisagística e com a policromia que desperta sentimentos sinestésicos ao contemplar “o dardejar do sol sobre as buganvílias” (p. 20), “a giesteira que enchia os olhos de Sol e umas rosas que contavam histórias de amor” (p. 25), o “mar em fúria” (p. 31) do Cerco, “As rosas e os violetas a derramarem-se por sobre o azul, numa aguarela

apenas explicável pelo mito da criação” (p. 31), “A Serra da Água de Pau em tons de violeta vidrado” (p. 81) ou o misticismo das lagoas. É esta dualidade que confere uma magia quase selvática à relação da autora com a terra. Uma relação de aproximações e afastamentos que passa muito pelos afetos dos presentes e ausentes, assim se tornando num lugar onde e de onde.

Maria João Ruivo é professora. Nada mais óbvio ao folhear estas páginas. As suas preocupações com os atuais problemas da juventude (cf. pp. 156-157) inserida nesta sociedade de consumo, a iliteracia, a falta de leitura, a inadequação dos programas tudo isto a tortura sendo recorrentes as cogitações ao longo do texto com vista à minimização do problema. Questões geracionais com as quais toda a classe se confronta. Contudo, em simultâneo, exulta com as pequenas vitórias dos seus alunos, ajuda-os nos projetos dentro e fora da Ilha e faz da sua profissão um apostolado convicto. A sua ligação ao Liceu Antero de Quental (cf. 146, 156 ss.), onde o Pai foi professor e ela aprendeu e ensina, é endémica e nada os poderá separar. São notáveis as páginas da obra em que reflete sobre o assunto e que levam ao questionamento de problemas do foro antropológico, psicológico, sociológico.... modalizando o que a sociedade atual quer fazer de um professor – tudo menos ensinar porque tal tempo não fica.

Assinalei a parte mais óbvia, que não a mais relevante, da sua profissão. De facto, percorro esta *areia* e observo recorrentes referências às suas leituras eletivas, donde depreendo uma vasta enciclopédia cultural, e, sobretudo, abundantes reflexões metaliterárias *como esta*: “a escrita diarística é arriscada. Obriga-

nos a entrar em nós e a sair logo depois. [...] Começa por ser uma escrita de mim para mim, e nela vem impressa toda uma herança espiritual. É também uma escrita para quem quer que a leia. E a quantas leituras diferentes estamos sujeitos?” (24); ou: “É verdade o que aqui digo? O que aqui digo é verdade no momento em que o sinto e é verdade trabalhada no ato da escrita” (146); ou: “E repito que nem tudo pode sair de nós e ser assim colocado a nu, exposto em praça pública” (158) ou ainda “De onde vem esta necessidade de nos contarmos? (15). Estes e muitíssimos outros passos são a prova cabal da sua formação, da necessidade de uma atualização sistemática; são também espelho de muitas leituras e reflexões, sendo que poderão estar na génese de um pertinente ensaio sobre a escrita do eu.

Pelo que foi dito, reafirmo e confirmo que *Um punhado de Areia nas Mãos* cumpre com rigor os requisitos de um diário – não um diário íntimo, naturalmente – mostrando, ao mesmo tempo uma mestria de escrita, um manuseamento lexical baseados no rigor e na sensibilidade.

Se Fernando Aires foi o primeiro cultor da escrita do eu nos Açores, Maria João Ruivo é também a pioneira – que se saiba – dessa escrita no feminino, posto que as páginas deixadas pela grande Natália, sendo escritas por uma açoriana, têm o seu epicentro na revolução de abril – refiro-me, naturalmente ao volume *Não percas a Rosa*.

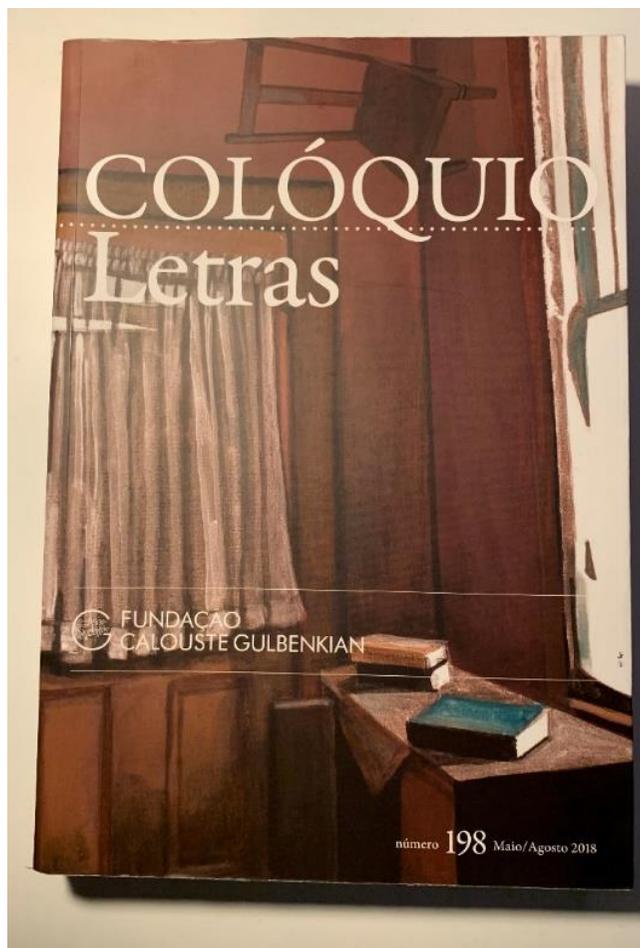
Que a autora não se atemorize com a sombra do Pai e perca definitivamente o receio da escrita. Está no momento certo de não deixar cair um único grão do *Punhado de Areia* que tão felizmente chegou até nós. Nos Açores há muitos e bons

escritores que a ajudarão a fechar as *Mãos*. Por aqui, deste lado do Mar, com tudo tão diferente e tão igual, esperamos o segundo volume de *mãos* abertas.

Isabel Ponce de Leão



ISABEL PONCE DE LEÃO NO LANÇAMENTO DE UM PUNHADO DE AREIA NAS MÃOS, NA CASA DOS AÇORES DO NORTE (2017)



**“UM PUNHADO
DE AREIA NAS MÃOS”
(20 ANOS NUM DIÁRIO DE MARIA JOÃO RUIVO)
João de Melo**

A primeira ideia que este Diário me sugere é, obviamente, a da sua sensatez. Em linha, aliás, com a condição feminina da sua autora. A

ideia seguinte, sendo conexas da primeira, releva da sua delicadeza quanto à forma de abordagem da vida e das pessoas que nomeia. Existem autores de diários que, embora de cariz literário, apostam tudo em guerrear contra o mundo e os seus pares, e pouco em dignificar-se junto da opinião pública. A ideia seguinte será porventura mais crucial: vejo nos diários em geral um exercício de afirmação pessoal, entre a modéstia, a sinceridade e os seus opostos. Lemos diários mentirosos sem serem ficcionais, porque eivados de um narcisismo mal ataviado, cujo único propósito consiste em engrandecer o ego próprio, afrontando e denegrindo os egos alheios. A diarística autobiográfica não constitui entre nós um género muito significativo do ponto de vista histórico-literário. Se não erro, os nossos mais destacados diários são, cronologicamente citados, os que nos deixaram Sebastião da Gama, Florbela Espanca, Miguel Torga, José Gomes Ferreira, Vergílio Ferreira, José Saramago, Natália Correia, Fernando Aires, Marcello Duarte Mathias, Cristóvão de Aguiar, Joel Neto. E quanto não daríamos nós por que existissem diários de Antero de Quental e Eça de Queirós, por exemplo, entre vários outros grandes escritores do nosso país!

O Diário é esporádico, experimental, personalizado à medida de quem o escreve. Não há critérios definidores, mas sim convencionais, da sua forma de escrita. Trata-se de uma deriva, de uma *rêverie* acordada, entre a reflexão e a narrativa. A questão da sinceridade pertence mais à ética

peçoal do que às convenções da arte literária. A sua fiabilidade tem de contínua e continuada permanência. A vida perpassa pelos tudo a ver com a ética de quem o subscreve. Não vale desdizer hoje o interior que ontem se afirmou com outro estado de espírito. É mesmo por isso e o outro que se alarga em círculos sucessivos, uns íntimos como a que ficam datados os factos e os pontos de vista nele expressos. Admite-se paixão da música clássica e dos livros, outros mais vastos, a estenderem-se que o escritor reveja e arredonde a sua escrita da véspera, com vista se progressivamente para o exterior.

à unidade da obra. Mas não que emende a mão e dê o dito por não dito Qual, então, a hierarquia provável dos seus interesses, além dos já no dia seguinte. Além do grau de interesse que suscita e das abordagens mencionados? Um deles, a ilha, cumpre o papel de entidade que sustenta, a exigência do leitor é a mesma que tem dos outros géneros simultaneamente contida e evasiva. Território de partida ou motivo de e formas de escrita. O prazer do texto, na sua escrita e na sua leitura. regresso a casa, ela como que preside à mesa do mundo que se alarga a Maria João Ruivo é, dentro e fora destes registos, a bondade e a outras cidades do país, e destas ao estrangeiro (como a França e a modéstia em pessoa. Sobram-lhe os valores autênticos da sensibilidade Alemanha, entre outras partes que a autora visitou). As passagens por humana, tanto social como familiar. Numa amplitude temporal de 20 Lisboa são sempre muito expressivas. Cidade amada no esplendor e na anos (tantos quantos a de “Um Punhado de Areia nas Mãos”, que sua luz de capital histórica, quotidiana, cheia de gente, vozes, animação recolhe apontamentos de 1996 a 2016), este é o curso de uma longa de um cariz cosmopolita. De resto, a infância aqui invocada transforma- viagem no *modus vivendi* e no conhecimento que nos dá de si e dos que se no mito eterno do humano, esse território emblemático que alimenta a rodeiam. Ela é permanentemente mulher e mãe, filha devota de pai e a grande literatura do mundo. À medida que lemos, passando páginas, mãe, irmã de uma tribo de sangue, amiga dos seus amigos, professora assistimos à densificação sistemática do conteúdo e da linguagem deste que se preza do seu trabalho e dos seus alunos - sem conflitos latentes livro. Alargam-se os caminhos, os temas e os interesses da autora, que nem emergentes. Move-a a constância de uma relação total com os faz girar sobre nós os dados da memória, as questões do ensino, a outros. Na família está, como se entende, o centro do seu mundo, através literatura, o futuro próprio e dos seus. O resto do mundo é como que de uma espécie de culto tribal que estremece a partir das raízes comuns. posto à distância. Refiro-me ao vasto e distante, ao imenso mundo A primeira roda de interesses cinge-se a esse universo íntimo, materno, exterior a este livro: guerras, dramas sociais e humanitários, misérias

longínquas do género humano que aqui escapam ao âmbito do registo, inscreve-se numa afinidade de amor incondicional, num modo de por pertencerem à esfera da imagem, do acontecimento global e da política – os quais raramente bordam o ponto de cruz deste diário quanto feminina.

íntimo, mais literário do que mundano, posto na voz serena de uma mulher comprovadamente inteligente, culta e educada. Maria João Ruivo surge, assim, como uma voz que rompe e irrompe do tecido do silêncio para o território incerto e creio que exigente da

Sabe-se que existe uma história insinuada por detrás de “Um Punhado de Areia nas Mãos”. O seu antecedente próximo – não há que ocultá-lo literatura. Temos nela uma nova escritora, uma recém-chegada, de quem conhecíamos algumas breves e tímidas incursões no domínio da – chama-se “Era Uma Vez o Tempo”, de seu pai, Fernando Aires. ficção. O conto espera por ela à esquina de um desafio, de uma ousadia

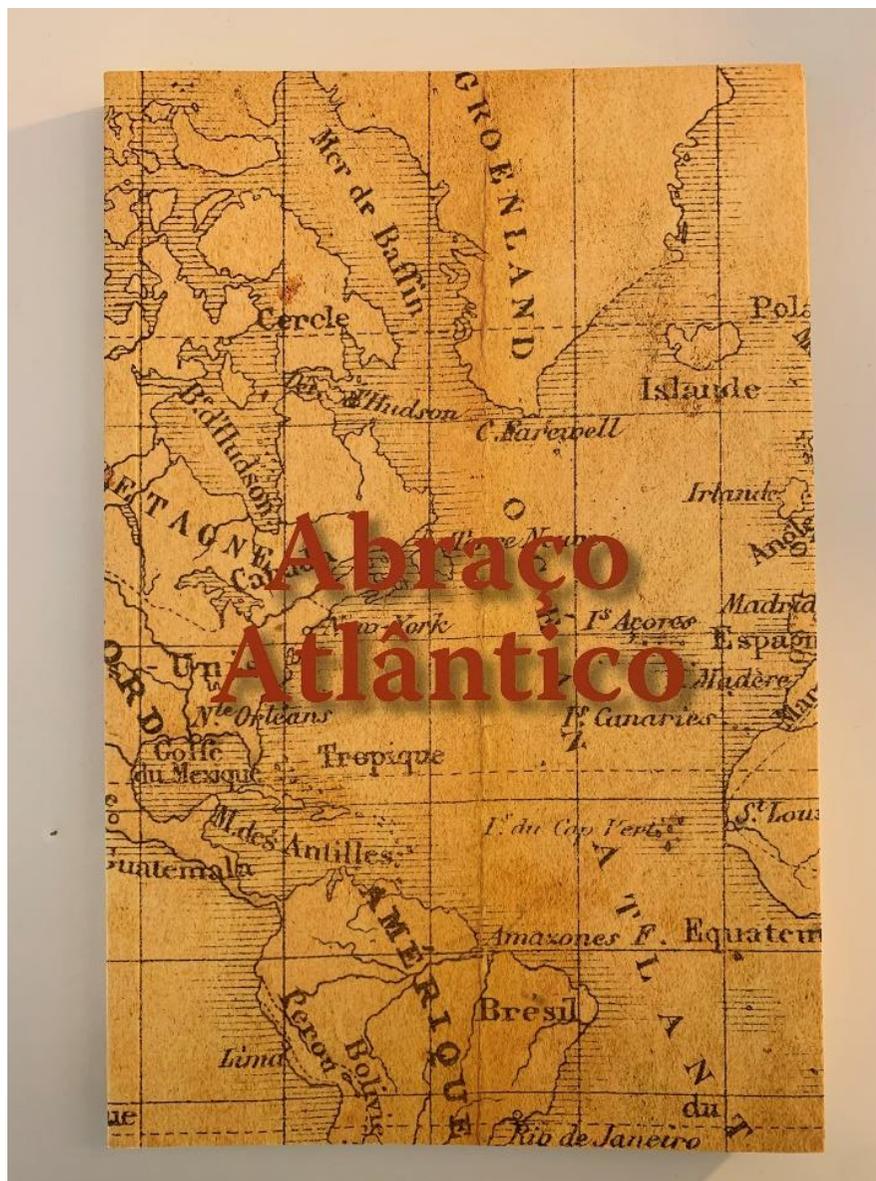
Levar-nos-ia longe a dialética desta relação de compromisso entre as duas obras, de pai e filha, como marca discreta e dolorosa de uma obra futura e a aprofundar a conquista de uma voz entre as vozes da herança literária. O pai pode muito bem ser a figura tutelar desta ideia literatura. Confio em que outras experiências de escrita virão. A sua voz

de continuidade, por ele aliás interrompida *in causa mortis*; pode ser a ficará cada vez mais madura de texto para texto e de livro para livro. divisa superior deste modelo de escrita; e, inclusive, “o caminho, a Vim de Lisboa a Ponta Delgada desejar-lhe toda a sorte do mundo. Oxalá lhe aconteçam as agruras e angústias, mas também o

passagem de testemunho. Nada, porém, de outras aproximações. A reconhecimento e as alegrias da literatura. Em tudo o que diz e pratica, escrita de Fernando Aires é obviamente masculina no temperamento e Maria João Ruivo é, porque sempre foi, uma grande senhora - para não dizer uma “lady” açoriana e portuguesa.

nos temas abordados. A de Maria João Ruivo ergue-se por si própria na condição e na cultura da sua feminilidade. A pulcritude desta relação literária entre pai e filha é, seguramente, a melhor e mais eloquente (Lisboa, 27.03.2017)

homenagem de uma memória a outra memória, de um amor ao exemplo de toda uma vida, num desejo de absoluto que se traduz numa forma de luto e numa confissão de perda sem remédio. Quanto à ideia da mãe,



“Abraço Atlântico”

São Miguel, março, 2019

A minha pátria não é a Ilha onde nasci. Sou Portuguesa de alma e de corpo. Minha Mãe veio lá das bandas do Minho, por Amor a meu Pai, e por aqui ficou, num destino que se foi cumprindo.

Sinto em mim um forte apelo dessa ancestralidade portuguesa que tem a alma espalhada pelo nosso pequeno país, ancorado no extremo ocidente da Europa, e onde se cruzam tantas moléculas de ADN, de Celtas e Romanos, Lusitanos e Fenícios, Suevos e Visigodos, Mouros e Judeus, numa mistura que deu aquilo que somos. Sinto-o (quase) fisicamente em mim.

Mas sinto-o, sobretudo, na cultura e na História já longa deste nosso país, nos mitos e nas lendas de que nos fomos fazendo, fruto desse imaginário da origem. Pátria é o nosso percurso histórico, que cria o espírito de um país, uma identidade cultural em que cada um de nós, individualmente, se reconhece. Gosto de sentir que tenho raízes fundas, sinais de um tempo mais velho do que o da juventude da Ilha.

Mas isto não vem negar o meu amor a este pedaço da pátria onde eu nasci. São Miguel é o núcleo primordial das minhas memórias e vivências ancestrais que, queiramos ou não, entram pelo mar dentro e estendem-se até ao cume das serras.

E ser daqui, agora, significa também poder fazer parte deste encontro ilhéu, neste “Abraço Atlântico” que nos une e que nos faz sentir orgulho de sermos frutos das ilhas, por destino ou acaso, num elo que nos aproxima e que liga esta pequena humanidade que somos. Porque todos sentimos, uma vez que seja na vida, a força das nossas humanas contradições, sentimos que o mar é tão forte a unir como a separar e que a nossa condição é determinada, queiramos ou não, por este movimento de atração e repulsa; de apego à terra e desejo de

partir; de enfado e de encantamento. E tudo isto vai e vem ao ritmo oscilante das ondas e dos ventos desabridos que assolam a fragilidade das ilhas e nos causam uma solidão muito própria, herança partilhada entre ilhéus.

“Abraço Atlântico” acaba por ser a metáfora do encontro de uma espécie de irmandade geográfica e espiritual. E é muito bom saber que ela existe.

Maria João Ruivo

(Publicado em: *Abraço Atlântico* – João Carlos Abreu (coord.) –
Edições Fraternitas – Funchal -2020)

A CASA

*A Casa é o espaço primordial da memória
e a nossa pátria de afetos. Espaço e pátria
que são nossa pertença. Sempre.*

Ergueu-se ali, naquele lugar feliz, cheio de promessas.

Um dia subiram a rua que os levava ao centro do nada e pararam diante daquele terreno inculto e baldio.

- *E se construíssemos aqui uma casa?* – perguntou o homem.

Ela resistiu. Mais cautelosa, achava que não precisavam de uma casa maior. Mas subitamente olhou para a enorme bânksia que dominava aquele pedaço de terra. Olhou-a em silêncio. Acho que se fitaram ambas uma à outra. A árvore enorme, sobranceira, impondo a sua presença de um século. Ela firme, na posse consciente da sua finitude.

E disse apenas:

- *Este será o lugar de todos os segredos, de todos os desejos e de todas as promessas. O lugar da infância das crianças que vierem.*

E foi.

Dali via-se o mar, a sul da ilha.

Para norte era a serra agreste, fugidia, nos dias de nevoeiro, fechando-se ao sol, toda envolta em mantos negros de luto.

Para sul é que era aquela imensidão de mar, doce e leitosa, estendendo-se até ao horizonte dos desejos e do olhar. No centro, um navio parado, suspenso. E aquele mar à volta, azul e doce.

E assim ficou para sempre, presa na memória, esta imagem de uma linda tarde de sol em que desembocaram naquele pedacinho da ilha, que passou a ser deles logo no momento em que o olharam.

Porque o primeiro olhar é, muitas vezes, o começo de um sonho que tecemos, pensou a mulher.

A bânksia testemunhou tudo. Foi ela que a convenceu a ficar ali, de pedra e cal. Ela, que assistiu, impávida, ao crescer da Casa. Paciente, resistiu ao barulho atroador da retroescavadora, viu firmarem o ferro das fundações e observou o trabalho antigo e pesado de erguer paredes e muros. Creio mesmo que suspirou, finalmente aliviada, quando, ao fim de uma tarde qualquer, viu a empena do seu lado alva e decorada com as barras amarelas, adivinhando sol e dias felizes.

Dizem que sorriu quando viu o homem e a mulher a plantarem as cameleiras e os metrosíderos em renques, junto aos muros, prometendo florir na hora certa e proteger o lugar dos ventos desabridos que vinham das bandas do mar.

E depois foi a profusão das buganvílias, dardejando luz e cor em todas as direções.

Os anos foram passando. Depressa, como sempre passam os anos.

A Casa, sólida e firme, assistiu às brincadeiras das crianças que por ali foram crescendo e dando os primeiros passos.

E a bânksia, silenciosa, testemunhava o tempo e protegia as crianças dos ventos desabridos que não raras vezes sopravam, vindos de sudeste. À sua sombra, o homem construiu uma casinha de brincar, toda em madeira.

Também havia dois plátanos, que se fizeram grandes num ápice, juncando de folhas o relvado, pelos outonos da Ilha. E uma ginkgo biloba, símbolo de longevidade, porque, dizem, já existia no tempo dos dinossauros. Aquela, porém, era jovem. Fora plantada pelo homem e pela mulher e as suas folhas lembravam vagamente corações esvoaçantes que amareleciam antes que o vento de sudeste as erguesse no ar e as levasse consigo para destino incerto. Goethe cantou estas folhas num dos seus poemas.

E vieram vários dezembros, floridos pelas camélias que cresciam aos molhos junto ao muro e que a mulher colhia, compondo, nesse gesto ancestral e feminino, as jarras da sua Casa.

Olhava para elas, embevecida, com os olhos mais aveludados do que nos outros dias. Não era bonita, mas havia nela uma introspeção, um recolhimento que agradava. Passava ao de leve e impunha-se pelo silêncio. Era alegre e tranquila. Só quem a conhecia muito bem sabia haver nela uma inquietação

que raras vezes se adivinhava num breve lampejo dos seus olhos castanhos.

O homem tinha um olhar oblíquo e risonho e deixava transparecer um temperamento expansivo e determinado, capaz de grandes zangas e de ainda maiores generosidades.

Passaram vários anos felizes ali, o homem e a mulher. E aproveitaram bem o tempo de o serem, porque sabiam que a felicidade é muito menos duradoura do que aquele vento desabrido de sudeste que agitava tantas vezes a bânksia do jardim.

A Casa, povoada de energia, exultava com os risos das crianças.

Um dia o homem entrou com um ar sombrio e fechou-se no quarto.

Dizem que o coração das mulheres adivinha quase todos os segredos e tem o remédio para quase todos os males. Ela deixou-o estar. A alma inquieta, mas adivinhando o tempo de que ele precisava para estar sozinho.

Nada perguntou e ele nada disse.

Os dias foram passando, aprisionados num silêncio que soava a um grito de inquietação.

As noites tornaram-se longas e difíceis. O homem e a mulher acordavam mergulhados em pensamentos sombrios. Os olhos perdidos no vazio escuro do quarto.

A Casa apercebeu-se das sombras no olhar da mulher. Há uma verdadeira cumplicidade entre uma mulher e a casa onde cria os filhos, pois esta assiste, mais do que ninguém, aos risos e aos prantos.

Diz-se que as casas têm alma, um espírito que as habita. E esta, como todas, tinha adquirido a sua identidade. Sóbria e

ampla nas suas madeiras escuras, fora um espaço tranquilo onde sabia bem entrar ao final do dia.

Quando chegavam, o homem punha música a tocar. A mulher abria as janelas para deixar entrar o azul límpido do jacarandá que tinham plantado do lado nascente. E, com o azul, entrava o cheiro seco das folhas dos plátanos, se era outono, ou o branco adocicado das primaveras silvestres que tinham nascido espontaneamente junto ao muro da cozinha, e que floresciam nos começos de maio pelo meio dos pés espigados da hortelã-pimenta.

Mas naquele outono algo se quebrou e em breve a Casa começou a dar sinais do escorrer inexorável do tempo. O sobrado perdera o viço e surgiram manchas amareladas nas paredes. A ferrugem atacara as dobradiças, a porta da rua cedera e via-se feixes de luz a entrar pelas fissuras abertas na madeira.

O jardim também não escapou à impiedade do tempo e à dolorosa impotência do homem e da mulher. Andava com um ar triste de abandono e foi invadido pelo mato, que é implacável quando os homens se descuidam. Até a bânksia fraquejava, cansada da sua vida de um século.

A mulher ficava longas horas junto à janelinha de vitrais. Os olhos vagueando pela Serra, que se recortava contra o céu difuso. Ou perdendo-se em delicadas memórias, que adejavam como pássaros.

O vento de Sudeste agora vinha mais frio. Ou era a Casa que, sem grandes forças, o deixava entrar sem lhe resistir.

Por uma tarde de dezembro, um vento forte e impiedoso deitou abaixo a velha árvore sem que esta soltasse um queixume. A mulher foi ao quintal e viu-a deitada por terra. Apesar de tudo, ainda iluminava o relvado com o prateado das

suas folhas cintilantes. Ela sentiu um aperto no peito. Não era só a velha árvore que morria. Era o seu diálogo surdo com ela. As histórias que ficariam por contar nas tardes passadas debaixo da sua sombra. E o mocho que há anos a habitava iria para outras paragens. O vibrar do seu voo pesado, que entrava pela porta da varanda ao serão, deixaria de se fazer ouvir.

O aperto no peito aumentou. Assumiu dimensão de presságio.

E, à medida que o tempo foi passando, o silêncio alastrava e ia abrindo fissuras nos corações do homem e da mulher.

Por essa altura, os filhos tinham partido em busca de um destino e seguiram um rumo bom, que aplacava o coração da mulher-mãe.

A vida é um instante breve. Um mistério que ninguém domina, feito de bênçãos e de expiações.

Um dia o homem partiu. Levava uma mala na mão.

A mulher caminhou até à praia, para não ouvir o silêncio da Casa. Porque o homem é que punha música, quando chegava de fora.

Passou tempo. Ninguém sabe ao certo o que aconteceu. Mas alguns vizinhos dizem que vieram homens com papéis, que a mulher assinou ali mesmo, à entrada do portão, junto à madressilva em flor.

E a mulher, por fim, partiu também, sem olhar muito para trás. *Parecia serena*, disseram alguns. *Reconciliada com a vida?*

A Casa fechou-se por detrás das persianas e quem a via de fora diria que estava abandonada há muitos anos. E estava, de algum modo. Porque intimamente se vai fazendo o luto, quando se sabe que há uma causa perdida.

As plantas tinham crescido desmesuradamente. As flores, por colher, caíam desfolhadas no cimento cheio de limos junto à porta da cozinha, num colorido triste. O mocho partira há muito, logo depois da morte da bânksia que o abrigara durante tantos anos. As folhas dos plátanos acumulavam-se junto à porta de entrada e o portão acabou por sair dos gonzos.

O que se sabe ao certo é que o homem trilhou longos caminhos e a mulher foi viver junto a uma praça cheia de sol onde, assim que a noite caía, se ouvia piar um mocho. E isso aplacou-lhe o coração. Inexplicavelmente.

Maria João Ruivo
março, 2019

(Publicado em: *Abraço Atlântico* – João Carlos Abreu (coord.) – Edições Fraternitas – Funchal -2020)

17

ACRIANO ORIENTAL
SEGUNDA-FEIRA, 30 DE ABRIL DE 2017

ARTES & LETRAS

Testemunho

Um punhado de areia nas mãos (20 anos num diário de Maria João Ruivo)

JOÃO DE MELO

A primeira ideia que este Diário me sugere é, obviamente, a da sua sensatez. Em linha, aliás, com a condição feminina da sua autora. A ideia seguinte, sendo cunhada da primeira, releva da sua delicadeza quanto à forma de abordagem da vida e das pessoas que a rodeiam. Existem autores de diários que, embora de caráter literário, apostam tudo em guerrear contra o mundo e os seus pares, e pouco em dignificar-se junto da opinião pública. A ideia seguinte será porventura mais crucial: vejo nos diários em geral um exercício de afirmação pessoal, entre a modestia, a sinceridade e os seus opostos. Lemos diários mentirosos sem serem ficcionais, porque evadidos de um narcisismo mal atavado, cujo único propósito consistia em engrandecer o ego próprio, afrontando e denegridando os egos alheios. A diarística autobiográfica não constitui entre nós um género muito significativo do ponto de vista histórico-literário. Se não erro, os nossos mais destacados diaristas são, cronologicamente citados, os que nos deixaram Sebastião da Gama, Florbela Espanca, Miguel Torga, José Gomes Ferreira, Vergílio Ferreira, José Saramago, Natália Correia, Fernando Aires, Marcella Duarte, Mathias, Cristiano de Aguiar, Joel Neto. E quanto não dariamos nós por que existissem diários de Antero de Quental e Eça de Queiroz, por exemplo, entre vários outros grandes escritores do nosso país.

O Diário é esportivo, experimental, personalizado à medida de quem o escreve. Não há critérios definidores, mas sim convencionais, da sua forma de escrita. Trata-se de uma deriva, de uma *riveria* acordada, entre o reflexo ético pessoal do que às convenções da arte literária. A sua fiabilidade tem tudo a ver com a ética de quem o subscreeve. Não vale deslizar hoje o que ontem se afirmava com outro estado de espírito. É mesmo por isso que ficam datados os factos e os pontos de vista pelo expressos. Admite-se que o escritor revaja e arredonde a sua escrita da véspera, com vista à unidade da obra. Mas não que esconda a mão e dê o dito por não dito no dia seguinte. Além do grau de interesse que suscita e das aborlegias que sustentam, a exigência do leitor é a mesma que tem dos outros géneros e formas de escrita. O prazer do texto, na sua escrita e na sua leitura.

Maria João Ruivo é dentro e fora destes registos, a bondade e a modestia em pessoa. Sobram-lhe os valores autênticos da sensibilidade humana, tanto social como familiar. Num amplitude temporal de 20 anos (tantos quantos a de "Um Punhado de Areia nas Mãos", que recolhe apontamentos de 1999 a 2016), este é o curso de uma longa viagem no *modus vivendi* e no conheci-

mento que nos dá de si e dos que a rodeiam. Ela é permanentemente mulher e mãe, filha devota de pai e mãe, irmã de uma tribo de sangue, amiga dos seus amigos, professora que se preza do seu trabalho e dos seus alunos - sem conflitos latentes nem emergentes. Move-a a constância de uma relação total com os outros. Na família está, como se entende, o centro do seu mundo, através de uma espécie de culto tribal que estremece a partir das raízes comuns. A primeira roda de interesses engeinse a esse universo íntimo, materno, de contínua e continuada permanência. A vida perpassa pelos interstícios deste registo literário, composto de dois mundos, o interior e o outro que se alarga em círculos sucessivos, uns íntimos como a paixão da música clássica e dos livros, outros mais vastos, a estenderem-se progressivamente para o exterior.

Qual, então, a hierarquia provável dos seus interesses, além dos já mencionados? Um deles, a ilha, cumpre o papel de entidade simultaneamente contida e evasiva. Território de partida em motivo de regresso a casa, ela como que preside à mesa do mundo que se alarga a outras cidades do país, e destas ao estrangeiro (como a França e a Alemanha, entre outros países que a autora visita). As passagens por Lisboa são sempre muito expressivas. Cidade anada no esplendor e na sua luz de capital histórico, quotidiana, cheia de gente, viúvas, animação de um cartz cosmopolita. De resto, a infância aqui invocada transforma-se no mito eterno do humano, esse território emblemático que alimenta a grande literatura do mundo. À medida que lemos, passando páginas, assistimos à densificação sistemática do conteúdo e da linguagem deste livro. Alargam-se os caminhos, os temas e os interesses da autora, que faz girar sobre nós os dados da memória, as questões do ensaio, a litera-

tura, o futuro próprio e dos seus. O resto do mundo é como que posto à distância. Refiro-me ao vasto e distante, ao imenso mundo exterior a este livro: guerras, dramas sociais e humanitários, mistérios longínquos do género humano que aqui escapam ao âmbito do registo, por pertencermos à esfera da imagem, do acontecimento global e da política - os quais raramente bordam o ponto de cruz deste diário íntimo, mais literário do que mundano, posto na voz serena de uma mulher comprovadamente inteligente, culta e educada.

Sabe-se que existe uma história ínsimada por detrás de "Um Punhado de Areia nas Mãos". O seu antecedente próximo - não há que ocultá-lo - chama-se "Era Uma Vez o Tempo", de seu pai, Fernando Aires. Levar-nos-ia longo e dialéctico desta relação de compromisso entre as duas obras, de pai e filha, como marca discreta e dolorosa de uma herança literária. O pai pode muito bem ser a figura tutelar desta obra de continuidade, por ele aliás deste modelo de escrita; e, inclusivo, "o caminho, a verdade e a vida" (para usar uma bela terminologia cristã) desta passagem de testemunho. Nada, porém, de outras aproximações. A escrita de Fernando Aires é obviamente masculina no temperamento e nos temas abordados. A de Maria João Ruivo segue-se por si própria na credição e na cultura da sua feminilidade. A pulcritude desta relação literária entre pai e filha é, seguramente, a melhor e mais eloquente homenagem de uma memória à outra memória, de um amor ao exemplo de toda uma vida, num desejo de absoluto que se traduz numa forma de luto e numa confissão de perda sem remédio. Quanto à ideia da mãe, inscreve-se numa afinidade de amor incondicional, num modo de cumplicidade a outro nível, a força de ser comum a ambas - tão materna quanto feminina.

Maria João Ruivo surge, assim, como uma voz que rompe e irrompe do tecido do silêncio para o território inepto e eróico que exige da literatura. Temos nela uma nova escritora, uma recém-chegada, de quem conhecíamos algumas breves e tímidas incursões no domínio da ficção. O conto espera por ela à esquina de um desafio, de uma ousadia que não dispensa o sentido de coragem e ousadia que a levará a conceber obra futura e a aprofundar a conquista de uma voz entre as vozes da literatura. Conto em que outras experiências de escrita virão. A sua voz ficará cada vez mais madura de texto para texto e de livro para livro. Vim de Lisboa a Ponta Delgada desajur-lhe toda a sorte do mundo. Onde lhe sentem as agruras e angústias, mas também o reconhecimento e as alegrias da literatura. Em tudo o que diz e pratica, Maria João Ruivo é, porque sempre foi, uma grande senhora - para não dizer uma "lady" açoriana e portuguesa.*



Maria João Ruivo na apresentação do livro na Livraria Sol Mar



26º LOMBA DA MAIA 2016



26º LOMBA DA MAIA 2016



26º Colóquio
para o
26º LOMBA
da Maia
2016
AICTL



26º Colóquio
para o
26º LOMBA
da Maia
2016
AICTL

26º LOMBA DA MAIA 2016



[FESTA DO LIVRO EM PONTA DELGADA. INICIATIVA LETRAS LAVADAS, COM ÂNGELA ALMEIDA, HENRIQUE LEVY \(2019\)](#)

Um Punhado de Areia nas Mãos I

15 de janeiro, 05

A escrita diarística, por inúmeras razões, é arriscada. Obriga-nos a entrar em nós e a sair logo depois. É assim que a sinto. Começa por ser uma escrita de mim para mim, e nela vem impressa toda uma herança espiritual. Mas não se fecha nisso, necessariamente. É também uma escrita para quem quer que a leia. E a quantas leituras diferentes estamos sujeitos? Tratando-se de um Diário, tudo se torna mais delicado, porque não temos o escudo da ficção a proteger-nos e o leitor quer ver, naquilo que lê, a verdade nua e crua do que foi sentido e pensado. Mas como poremos a nu o que somos? De algum modo, isto leva-nos à teoria pessoana do fingimento poético. Como se define a

fronteira entre as dores e as alegrias “fingidas” e as experimentadas? Poderemos fingir sem ter vivido? Até certo ponto, sim (?), através da intelectualização e do conhecimento das coisas, do mundo e do ser mais íntimo do Homem. Por outro lado, há sensações, sentires e intuições que só vivendo, passando e sentindo poderão integrar o nosso universo de referências, o universo humano de que somos feitos.

E depois há o leitor, que tem uma necessidade quase cruel de ver no que lê a vida de quem escreve, ali, posta a nu, desatada. Especialmente no que toca à dor e ao sofrimento. Um pouco como a necessidade que motiva as pessoas a pararem junto de um carro acidentado, a ver se há mortos e feridos. Porque há, no fundo, um certo prazer mórbido na visualização da desgraça. Herança de Thanatos.

Por isto, e por muito mais, digo que a escrita de um Diário é arriscada. E a verdade é que não ganha nada em tornar-se uma torrente confessional, que sai sem filtro. Muito do que escrevo sai assim, em bruto. Depois, deixo ali a “levedar”. E lá regresso para desenhar com cuidado, carinhosamente, o que tinha deixado num mero rascunho. E neste pintar por dentro o que estava contornado por fora está a intelectualização do que se diz, caso contrário, um Diário seria um rol de sentimentos e de vivências, semelhante a uma lista de tarefas concluídas, pragmaticamente, sem interesse, sem paixão e sem noção das marcas que a vida deixa em nós.

15 de novembro, 05

Adoro o outono! Aqui na ilha, sobretudo. Mesmo sabendo que nos aguardam aqueles dias tristes e sombrios, já

povoados do cinza invernosos que nos carrega a alma por dentro; mesmo sentindo a falta do sol e do sal do verão. Mesmo assim. Quando o outono acontece, naquela luz doce e macia, de céu vagamente azul, bordado com fiozinhos velados de rosa e violeta, penso sempre que sou do outono. E é assim que está hoje. Os rosas e os violetas a derramarem-se por sobre o azul, numa aguarela apenas explicável pelo mito da criação.

30 de outubro, 10

A Inês, membro mais recente do clã de Fernando Aires, faz hoje um ano. É assombroso o que uma criança aprende no seu primeiro ano de vida! O que ela já sabe de querer, de afetos e da arte da sedução!

Festinha em casa de família da mãe. A certa altura, olho para meu Pai e apercebo-me de uma leve sombra no seu rosto. Parece-me um tanto perdido no meio de uma série de pessoas que não conhecemos. Vou ao seu encontro, mas ele defende-se da estranheza, concentrando-se no amor imenso pela sua bisneta e na consciência feliz de que, nela, o clã se perpetua.

Olho para os dois e sinto as lágrimas nos olhos, porque sei o que meu Pai está a sentir. Esta bisneta prende-lhe demasiado o coração, tornando ainda mais doloroso o momento de partir...

Ainda dezembro, 10 (Praia do Pópulo)

Lembro-me de uma manhã noutra dezembro, há tantos anos que nem sei! Vim aqui com meu Pai tomar o último banho do ano. Era um daqueles dias puros, de um fresco vidrado, que despertam toda a nossa energia. O mar de inverno,

transformado num festival de espuma. Eu e meu Pai saltando na água como duas crianças, num ritual todo feito de vida.

A alegria que então senti naquele momento mágico em que era só eu e ele! E a espuma a envolver-nos e a euforia de ser dezembro e de estarmos ali os dois, mergulhados nas ondas.

A sensação de desafio, por sermos os únicos na praia a enfrentar aquele mar de inverno com o seu brilho de prata.

O meu Pai ainda tão jovem a gozar o melhor da vida naquela manhã de dezembro há tantos anos que nem sei!

E eu com ele, naquele momento que foi só nosso!

12 de fevereiro, 11

Na aula, e a propósito de um poema de Eugénio de Andrade, surgiu uma conversa boa sobre o poder da palavra. Foi um desafio, os miúdos em busca dos significados possíveis de certas expressões – (...) “Algumas um punhal” – E o Nelson, um aluno cheio de dificuldades, disse – palavras que magoam, professora. Isso mesmo, Nelson. – disse eu. As palavras podem ferir, tal como punhais. E o Nelson tão contente, porque raramente abre a boca nas aulas, fechado no silêncio do seu saber tão pouco e na tristeza de que nunca lhe perguntam sobre aquilo de que sabe falar – o seu sonho de ser futebolista, o melhor. E é o melhor do seu bairro, especialmente à defesa, disse-me ele há dias, quando lhe perguntei o que queria ser. Quer ir para o Continente, entrar numa equipa federada e ser como o Cristiano Ronaldo.

(...)

Que virá a ser de ti, Nelson? Quem colherá o teu sonho ingénua de vires a ser como o Cristiano Ronaldo? Desejo-te

mesmo que alguém te guie nesse teu desamparo inocente e te ajude a enfrentar as agruras a que está sujeito quem é sonhador

24 de dezembro, 13

É tarde. Cheguei há pouco da casa de meus Pais, onde foi a consoada, como sempre foi, desde que me tenho por gente. E digo “a casa de meus Pais” porque o será sempre, na curta eternidade que durar a minha vida. Tal como digo em casa da Avó, mesmo sabendo que, nas escrituras do notário, a casa já não é dela. Porque muitas vezes o ser das coisas é o que existe por dentro de nós e daquilo que fomos.

Por isso repito que a consoada foi em casa de meus Pais. E hoje não vou falar das ausências, que doem demasiado. Hoje, o Natal foi a família reunida à volta da mesa, foi a minha Mãe, e os meus irmãos e cunhados, e nós, e os sete netos de meus Pais, com alguns dos companheiros que eles escolheram e que nós amamos também. (...) O Natal foi a toalha de renda da minha Mãe, bordada por minha Avó, e a loiça da Vista Alegre que não pode ser outra, porque é aquela, desde sempre, neste dia.

(...)

Foi também um pouco as saudades do Menino Jesus da minha infância. Era ele que trazia os presentes, no meu tempo. E sabia tão bem fazê-lo! Não deviam ter posto outro no Seu lugar. A Sua ausência não tem feito muito bem aos corações dos homens.

6 de maio, 16

Lentos, lentos, os dias arrastam-se neste passar monótono que vai atrás do tic tac do relógio da parede do fundo da casa que já não existe. Não é lento o passar do tempo. Este escoá-se por entre os dedos que tentam agarrá-lo. O que é lento é o meu ritmo de vida, nesse tempo que passa e que eu não quero ver passar. Se eu pudesse, suspendê-lo-ia agora e correria, mais veloz que o vento, ao encontro de um destino que eu gostaria que me esperasse, ali, ao virar da esquina.

Mas o relógio não para, e eu vou em sentido contrário, arrastando os dias e o destino que me aguarda para além deste muro de sonhos que construo dentro de mim.

Nesta tarde de domingo, que se arrasta como eu, vou alimentando as ilusões que construí por dentro de tudo o que sinto.

Um Punhado de Areia nas Mãos II (A Publicar)

28 de maio, 16

Penso muitas vezes no porquê de regressar a este registo. Se a escrita assim, marcada pelo tempo que é o meu, valerá a pena. Às vezes acho que as palavras estão gastas. Refiro-me àquelas que são minhas e que uso para me contar. Mas as palavras fascinam-me. Ir em busca delas, trocar uma por outra, ouvir-lhes os ritmos, as sonâncias, os segredos e os mistérios que encerram é o que me traz aqui uma e outra vez.

Depois de alguns períodos de abandono, sinto um apelo e regresso, tentando ser fiel a mim própria neste pacto que fiz com a realidade dos meus dias. E a escrita torna-se, então, a minha procura de uma qualquer eternidade, porque não quero

estiolar, como aquela árvore que vejo ali ao fundo, inclinada para o chão, porque já não tem força para buscar as alturas e perdeu o tempo de sonhar, como os pássaros que nela pousam ainda, apesar de tudo. Olho para ela, nos seus ramos quebradiços, no castanho velho das folhas que caem. Olho-a nessa morte anunciada, ainda que seja primavera e a vida esteja a brotar em esplendor em cada recanto do meu quintal.

Hoje é por isso que escrevo. Porque olhei para aquela árvore e vi-a numa agonia lenta e dolorosa.

7 de maio, 17 (dia da Mãe)

As palavras serão sempre limitadas para falar de ti, minha pequenina-grande Mãe. E as memórias que tenho serão, eternamente, aquele reduto onde nada do que é fundamental se perde. E é dessas memórias que me vem esta imensa saudade do teu ser mais pleno, da tua força por detrás da aparente fragilidade, da tua alegria e da forma única que sempre tiveste de ver o mundo com esses olhos de bondade que são os teus, onde todas as sombras se liquefaziam em imagens simples e cristalinas.

A vida foi-se cumprindo em ti, feita de uma tolerância doce e de uma profunda compreensão dos outros. E quero guardar isso em mim, enquanto tiver memória do tempo que foi o nosso. Por isso, e pelo mais, que é indizível, hoje vim aqui pedir-te, de alguma forma, que não te percas pelas sombras dos caminhos onde o tempo dilui muito do que se foi. Olha bem para o teu chão aqui e agora e aguenta-te bem à essência de que és feita e onde quero tanto que te reencontres.

5 de janeiro, 20

Lá partiu o Afonso, rumo a Lisboa. E é sempre este vazio que fica em tudo o que deixa para trás. Nunca lhe digo o suficiente do quanto gosto que esteja por aqui.

A Eunice também já está em casa dela, cumprindo um novo ciclo de sonhos. E a casa derrama o seu silêncio sobre mim.

Meu Deus! O que nós amamos os filhos, os seus silêncios e risos e sucessos e fraquezas e redenções e tudo o que tem a marca deles!

2 de maio, 20

Imagens de horror chegam-nos de Itália, dos EUA, do Brasil e de outros países. Os caixões enfileirados e enormes valas comuns abertas. Parece uma Guerra. Não há mãos a medir. Os sistemas de saúde à beira do colapso e os médicos e outros profissionais de saúde exaustos, quase em rotura.

Tenho pena da Humanidade. A arrogância deu lugar, por estes dias, à mais dolorosa e pungente fragilidade.

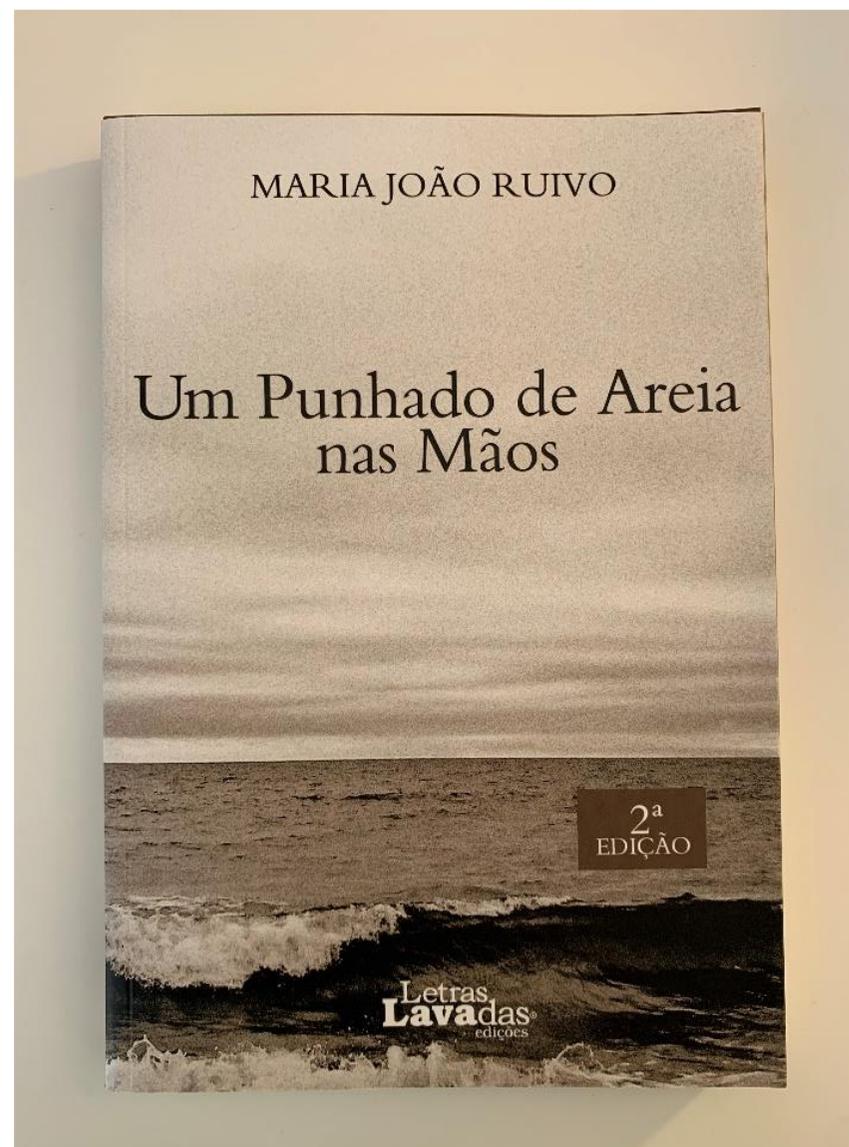
14 de julho, 21

Acabei de ler um artigo de Jorge Milhazes Freitas, Professor da Faculdade de Ciências do Porto e vice-presidente da Sociedade Portuguesa de Matemática, a criticar a nova reforma desta disciplina, que pretende, em nome das aprendizagens essenciais, a eliminação de conteúdos com História, como por exemplo os números romanos. Vale a pena ler o artigo, de um homem esclarecido, inteligente e que domina a linguagem com uma clareza e fluência notáveis.

De facto, estamos a caminhar a passos largos para o empobrecimento, a todos os níveis. E o pior é que há muita gente com poder de decisão que não pensa nisso. A desvalorização da História é um sinal de fraca inteligência. Um povo que não conhece o seu passado é como um indivíduo sem memória. Fica aniquilado e deixa de reconhecer a sua própria identidade. Para lá caminhamos. Depois é só aguardar que um qualquer sistema nos domine. Onde vamos buscar argumentos e conhecimento para rebater ideias? O conhecimento do passado dá-nos bagagem para nos defendermos, para sabermos o que queremos e o que não queremos que se repita, vai formando em nós uma consciência coletiva que funciona como um alicerce sólido e consistente. Renegar a História é o começo do declínio e só pode conduzir à rotura. O que vem depois disso ninguém sabe.

Aliás, esta reforma, referida no artigo, vem comprovar o desrespeito a que temos vindo a assistir pelo nosso passado e pelo nosso património. Destrói-se estátuas, difama-se figuras históricas, distorce-se factos retirando-os do contexto em que se deram e interpretando-os, estupidamente, à luz de ideologias que nem capacidade têm para fazer uma análise histórica séria e desassombada. Lava-se os cérebros dos mais frágeis impingindo ideias fabricadas e modas em nome da igualdade e da Democracia, mas o que se está a criar, na verdade, é um profundo desenraizamento que levará à estiagem e à esterilidade de ideias, de valores e de princípios.

Aliás, esta reforma a que se alude no artigo é apenas mais uma prova do desrespeito a que temos vindo a assistir pelo nosso passado, monumentos e afins. Os bárbaros estão a renascer e o retrocesso, em nome do progresso, já começou há muito.



Um Punhado de Areia nas Mãos – Apreciação de Santos Narciso (texto com supressões)

Ao ler este *Um punhado de Areia nas Mãos*, senti a emoção de reviver Fernando Aires, mas senti mais ainda a sensação de que nele há um pássaro que se liberta do ninho e trilha caminhos próprios em voos para o desconhecido. Jovem que é Maria João Ruivo, (nasceu logo ali, em 1965), consegue brindar-nos com memórias que são verdadeiros pensamentos, numa linguagem muito própria, muito feminina, mas cheia de vigor criativo que, bastas vezes, nos faz parar, reler e anotar... Lembro-me daquele pedaço deslumbrante de prosa, onde perante sensação da grandeza territorial, Santa Maria é “uma ilha de brincar”... E também me fixei naquela pontinha de filosofia, quando Maria João Ruivo escreve: Durante alguns anos, a vida pareceu-me tão certa e tudo deu ideia de estar no seu devido lugar. Sonhei o futuro como se a vida fosse eterna”...

Sempre me fascinou seguir o ritmo da vida, nas estações, nas festas, nas celebrações e nas emoções familiares. As entradas que Maria João Ruivo vai fazendo, ao longo das mais de 170 páginas do livro, levam-me por esses caminhos de tempo e lugar, Natais saudosos, Santos e Carnaval, Primaveras e Outonos (a estação preferida de Fernando Aires que nele morreu), flores, filhos e pássaros, tudo isto é vida palpitante que escorre deste diário, onde não faltam também os alunos, a irreverência e o outro lado de ser professor(a).

Não me posso esquecer daquela comovente narração do encontro da autora com o seu Pai, nos papéis existentes no Liceu

– Escola Secundária Antero de Quental... Mesmo com fotografia, “parecia outra pessoa”, nos dados, nas fichas, nos papéis... Tão diferente daquilo que tinha no coração... “A vida é estranha, de facto. Naquele registo biográfico oficial não encontro o ser de meu Pai. Como direi isto? Aqueles documentos oficiais sobre o percurso profissional dele, não fosse a sua assinatura, poderiam ser de outro indivíduo qualquer. É isso. Ali pouco se encontra da sua essência. Do amor dele peãs pessoas e pelas coisas. (...) Mesmo assim fiquei com um nó na garganta! Por isso mesmo tão assertivo considero este pensamento de Maria João Ruivo, quando fala do seu avô paterno: “Mesmo as memórias que são só nossas estão povoadas de coisas que ouvimos aos outros, de dizeres de família, que passam de forma quase impercetível, como as moléculas de ADN”... E ao ler as recordações que a autora acorda, encostada ao avô “tão pequenina que a minha cabeça lhe dava pelos joelhos”, também eu me senti ao colo dos meus que hoje recordo, porque como dizia Fernando Aires, “as pessoas não morrem enquanto os que as amaram se lembrarem delas”...

Como também vivi a experiência da guerra colonial, tocou-me a forma psicologicamente certa como a Maria João fala do João Pataco que “vive de pão e vinho” e de seu só tem um saco, a muleta e toda uma vida para contar... A mulata a lembrar-lhe o seu cajado de cabreiro: “estive em Moçambique, na guerra do Ultramar”... Uma foto que parecia ferida de feia intromissão em vida sofrida, poderia ser uma forma de eternizar o Pataco numa sala do Centro Cultural... uma homenagem, uma forma de dignificar este homem...

E se me refiro ao João Pataco, uma entrada no livro que já vem de 2008, não esqueço aquela de 2010, um banco, um mendigo e um cão. É tão comum, que só reparei, porque, ao darem-lhe um bocado de bolo, o homem partiu-o exatamente ao meio e partilhou-o com o seu fiel companheiro. Fiquei com lágrimas nos olhos. Não tanto por essa partilha, que não deixa de ser comovente, mas porque ela é a prova da tremenda solidão que faz com que um homem fique com fome, pela simples razão de que a sua companhia é tão importante como o pão para a boca”.

Detenho-me, aqui nestas *Leituras do Atlântico*, nestes casos que muito me tocaram, para referir que este *Um Punhado de Areia nas Mãos*, embora sendo um diário intimista, como diz a autora, está cheio de motivos que nos fazem interiorizar sentimentos e vivências que só alguém com apurado sentido de oportunidade e humana sensibilidade capta.

Maria João Ruivo tem uma escrita madura, bonita, leve e cativante, mesmo quando se sente menina insegura: “Pai, agora o nosso encontro é isto. Eu a escrever, seguindo os teus passos, insegura, como quando aprendi a andar e te dava a mão, na certeza de que nunca me deixarias cair”... E, para a mãe, esta dedicatória, sobre a paixão pela escrita que me obrigou a mantê-la, quando me sentia insegura.

Para quem gosta do género literário diarista, um livro a não perder!

Publicado, originalmente, na Coluna *Leituras do Atlântico* de autoria do jornalista Santos Narciso, *Jornal Expresso Atlântico*.



27º COLÓQUIO BELMONTE 2017





[30º COLÓQUIO MADALENA DO PICO 2018](#)



[SESSÃO DE POESIA NO INSTITUTO CULTURAL DE PONTA DELGADA \(2019\)](#)

O EXAME

Naquela manhã de junho, Marco levantou-se às 6.30 H. Tomou um duche rápido e mal comeu. Tinha um nó no estômago. Era o primeiro exame da sua vida. Biologia e Geologia. Saber que o seu futuro dependia (também) daquela prova tirava-lhe o apetite.

Foi a pé para a escola. Soube-lhe bem o ar límpido da manhã a bater-lhe no rosto. Aliviou-lhe o nervosismo. Adivinhava-se um dia de sol e ele levava já consigo a toalha de banho e o desejo de ir até à praia assim que o exame terminasse.

Cá fora, no pátio, o ambiente agitava-se nas dúvidas de última hora. E quanto mais os colegas falavam, mais ele se convencencia da sua ignorância.

Sobressaltou-se com o toque da sineta para a entrada e, arrastado por aquela onda de alunos, subiu de roldão a escadaria como um condenado. Bem queria convencer-se de que era apenas um exame de Biologia, mas as mãos tremiam-lhe, ao preencher o cabeçalho da folha de prova. E enquanto aguardava que tocasse a campainha para que o Professor distribuísse os enunciados, fixou o olhar na colega da frente. A Marta.

Nunca lhe tinha dado atenção. Era daquelas raparigas que passavam pelo secundário como uma espécie de sombra ou de nuvem... De olhar negro e vago, isolava-se dos outros, toda concentrada na sua inquietação interior.

E Marco, olhando agora para ela, pensou que a pobre moça se sentia tão nervosa como ele. Olhou-lhe para o cabelo, preso em cima com um travessão prateado, a cair em cachos sedosos. A blusa esverdeada, descaída de um lado, descobria-lhe o ombro moreno, deixando adivinhar o acetinado da pele.

Achou-a adorável, mesmo de costas, e recordou os seus olhos negros e pestanudos. Dentro de muito pouco tempo, iriam seguir caminhos diferentes. Talvez nunca mais se vissem. E isso causou-lhe uma vaga e surpreendente angústia.

Um toque curto da campainha, e o Professor vigilante abriu o envelope e distribuiu os enunciados – aquelas quinze páginas que decidiriam tanta coisa na vida daqueles jovens.

Um toque mais longo, um minuto depois, anunciou o início do exame.

Quando começou a ler o primeiro texto, Marco acalmou. Era sobre a formação da Serra de Naíca, no México. Dominava bem aquela parte da Geologia. Sentiu-se mais seguro e resolveu rapidamente as questões. Mas no segundo grupo estacou.

Património genético, intrões, exões.

Meu Deus! Que é isto?

Sentiu que caía num buraco negro. O coração galopava-lhe. Aquele mundo do ADN parecia-lhe totalmente estranho. *Um codão é um triplete de bases...*

Ficou em êxtase, os olhos fixos no vazio. Era como se não estivesse ali. Naquele momento, subia à serra de Naíca e, olhando lá em baixo a imensa vastidão, sentia que tudo era possível.

Mas de novo aquele vazio, só preenchido por alguns sons dispersos – passos chiantes no corredor, sussurros longínquos, as canetas dos colegas que corriam sabiamente pela folha de prova.

Um codão é um triplete de bases...

Só ele é que...

Absolutamente nada. Nada lhe vinha à mente sobre aquela maldita cadeia de ADN. Tentava reconstituir essa unidade, que fora lecionada (quando?) no 1º Período.

Todavia, a única coisa de que se lembrava era de ter feito um trabalho de pares com a Teresa. Mas quem é que se concentra nas cadeias de ADN quando trabalha com uma miúda gira como a Teresa, com aquele decote impossível e a boca provocadora a tentá-lo?

Agora lembra-se bem dessa aula. O professor escolhera os pares que iam trabalhar juntos. Ele ficara com a Teresa. Recorda-se dos olhares invejosos dos rapazes da turma. Do riso trocista do Rui, que sabia que ele desejava a rapariga há mais de um ano e não era sequer capaz de lhe pedir um lápis emprestado.

Ficaram junto da porta. Ele tinha-se esquecido do manual e tiveram de ler ambos pelo dela. Cadeias de ADN?

Para Marco, pouco mais contava do que aquele doce aroma de mel e avelãs que vinha dos caracóis negros dela. As cabeças juntas, na leitura do manual. Via uma das mãos da miúda a segurar o lápis com que tomava notas; a outra, quase a tocar na dele, prendendo com firmeza a folha em que escrevia. Tinha um anel com uma coruja gravada numa grande pedra lilás. Impossível saber alguma coisa sobre cadeias de ADN, quando só desejava sentir a pele da rapariga, dizer-lhe que gostava dela desde o 10º Ano.

Que sentido faz tudo isto? Sei que sou o produto acabado de um intrincado jogo de moléculas, mas para que tenho eu de conhecer-lhes os nomes?

Que lhe interessava a sua constituição química, no momento em que só pensava no corpo da Teresa dentro da

blusinha minúscula que trouxera naquele dia? Marco preferia saber de que é feita a parte dele que sente e deseja.

Pois é, Marco. Aos 17 anos, quantas questões se nos levantam sobre o mundo e nós próprios, muito antes de acharmos importante saber alguma coisa sobre as cadeias de ADN?

Só a Teresa te vem à cabeça. Os seus caracóis, a curva rosada dos lábios... As cabeças juntas, inclinadas sobre o livro. Aquele perfume cor de mel e avelãs. O teu sentir e o teu desejo premente, de tudo.

Porque é que nunca lhe disse nada? Que gostava dela. Que era linda. Que raio de gajo sou eu?

Consegue ouvir a voz do Professor de Biologia num outro momento, já distante, algures, no 10º Ano.

Era aula de revisões para o teste e ele fora apanhado, distraído, a mandar mensagens pelo telemóvel. O professor brigara, com razão. *Marco, se não estás interessado em tirar dúvidas ou se já sabes tudo, podes ir embora.*

Desculpe, professor.

Sei o que vocês pensam, continuara este. Que tudo isto é inútil, que daí a uns anos vão estar todos a trabalhar e já nem saberão nada sobre este assunto. Então para quê todo este trabalho, meu e vosso, não é? Já estive sentado nessas cadeiras, sabem? E sentia muito do que vocês sentem. Mas tinha curiosidade. E aprendi, com a vida, que só nos conheceremos se desbravarmos o mundo à nossa volta. Tudo serve para nos indagarmos. Porque não questionas, Marco? Porque te limitas a estar aí refugiado no teu telemóvel, desligado do mundo real?

Sabe, Professor, dissera ele. Vim para Ciências obrigado pelos meus Pais. Não me deixaram ir para Humanidades. Era o

que eu queria. Disseram-me que com Humanidades não se chega a lado nenhum.

Que terás respondido aos teus pais, Marco? Disseste-lhes que não podemos negar aquilo que nos define como homens? Provavelmente não.

Tens 17 anos. Podes ter mil projetos de vida. Mas um deles deverá ser sempre o de buscares respostas sobre a tua condição, pensando no valor intrínseco das coisas, tentando ir longe nessa reflexão sobre a nossa medida humana. E que medida é essa, Marco? Não é uma das muitas coisas que gostarias de saber? Também eu. Talvez por isso me tenha surgido esta história, assim, entre a realidade deste exame e de eu ser professora e a ficção que acabei por criar. Porque tenho de me reposicionar inúmeras vezes perante os meus alunos. Identificando-me com eles, na nossa humanidade comum, nas dúvidas e angústias que foram e são ainda tantas vezes as minhas, e a neutralidade do papel que também desempenho perante eles.

E é nesta duplicidade que te entendo e te digo que não deixes de olhar para as Teresas e de imaginar que a miúda que se senta à tua frente poderia fazer parte da tua vida. Sobe à Serra de Naíca. Procura tudo o que te possa fascinar. E o que nos fascina é o que não sabíamos antes, o pouco que vislumbramos pelo meio da nossa procura. E o que procuramos, enquanto homens? Tudo. O que nos origina, o que nos transcende e o que há pelo meio de uma coisa e da outra, que é, normalmente, aquilo a que temos acesso. O antes e o depois constituem a nossa eterna busca. Aquilo que, tendo resposta, deixa imediatamente de ser o que é e passa a ser outra coisa.

Têm ainda quinze minutos para copiarem tudo para a folha de prova. – avisou o professor vigilante.

Marco sentiu um enorme alívio por ver o seu tormento quase no fim. Olhou para o professor e viu-lhe nos olhos a aflição ao reparar na sua folha quase vazia. Simpatizou com aquele homem de meia-idade que, mesmo sem o conhecer, se preocupava com ele e lançou-lhe um sorriso de gratidão, encolhendo os ombros num gesto resignado.

Rapidamente, ainda voltou de fugida a Naíca, àquela paisagem esmagadora. Ao toque da campainha, desceu do cimo da serra, saiu da sala, passou como um sonâmbulo por aquela planície de estudantes que discutiam o exame que findara e dirigiu-se à praia, onde se entregou ao prazer do sol e do mar da sua ilha, pensando que uma molécula podia bem ser uma parte de um todo supremo numa harmonia quase perfeita. A vida? Era tão difícil entendê-la!

Às vezes pensava nisso vagamente, mas logo desistia. Há quantas eras os sábios e os doutores andavam em busca de respostas sobre esse grande mistério? Como seria se as encontrássemos? Ocuparíamos o lugar dos deuses destruindo a nossa humanidade, possivelmente.

Vem aí a Teresa, a sorrir, na minha direção. A vida, hoje, para mim, é isto - esse sorriso em forma de promessa, única resposta que eu procuro agora.

O amanhã não sei o que trará.

Quero a vida hoje.

Maria João Ruivo
2018

(Publicado em *Açores-Porto Alegre: Contistas Geminados II* – António Soares (coord.) e outros-Turiskon Editora- Porto Alegre/RS Brasil – 2018)

MINHA CASA, MINHA BRASA

“Minha casa, minha brasa”. Estou no refúgio das minhas quatro paredes. Ao meu lado, no sofá, a minha gata dorme o sono dos justos, ronronando. E, pelo meio deste tempo sombrio que se vive, ouço os acordes eternos da Pastoral, de Beethoven – a sua Sexta Sinfonia - e penso que esta é uma forma de felicidade possível neste momento de dúvidas e incertezas que nos é imposto pela pandemia que nos encerrou numa quarentena coletiva. Por alguns momentos, esqueço os muros que se ergueram à minha volta e esta música liberta-me.

É um tempo sombrio e, bem ou mal, acho que as pessoas têm tentado fazer um balanço do que se está a passar à nossa volta. De algum modo, somos tentados a pensar que a vida jamais será igual e que os Homens mudarão de paradigma. Isso seria o lógico, talvez o desejável, mas todos sabemos que não será assim. Eu diria que a Humanidade está a ter uma lufada breve de consciência e pôs temporariamente nos bastidores a sua arrogância.

Guerras, pestes, terrorismo, epidemias de toda a ordem, fome e cataclismos têm acompanhado permanentemente a História humana. Pensa-se sempre que o Homem fará uma análise, um exame de consciência, criará um propósito de mudança. Julga-se, até, que sonhará com algo diferente. Mas a memória coletiva é muito curta. Muito mais que a nossa memória íntima. É como nos filmes de terror. Trememos enquanto duram, mas logo que acendemos as luzes, todo o

medo desaparece. Assim é com a humanidade, durante e após uma crise.

Mas mesmo sabendo que o Homem, na sua essência, não mudará, não posso deixar de pensar que a Natureza entrou num diálogo surdo conosco, por estes dias. E o planeta tem-nos segredado ao ouvido mensagens que nos tocam e nos fazem sentir pertença de uma vasta coletividade da qual nos sentimos, no fundo, mais próximos. Porque acredito que, nas adversidades, vem à tona o pior, mas também o melhor de nós. E vemos à nossa volta um espírito que nos anima, apesar de tudo. Vemos os egoísmos próprios de quem se defende e luta pelos seus, mas também testemunhamos os sinais das maiores generosidades e abnegações. E no fundo precisamos urgentemente desses ventos de esperança.

Os canais de Veneza estão transparentes, pela primeira vez em décadas, dizem. Os golfinhos voltaram àquelas águas (será verdade?), num arroubo de nostalgia cósmica. Do espaço sideral, a Terra volta a surgir como um planeta magicamente azul, como que acabado de nascer. Os rios da China deixam de parecer lamaçais negros e pútridos. Os homens aproximam-se pelo espaço virtual e cantam hinos de espiritualidade e de esperança. Há uma onda cósmica de sinais, de sons e de cores, apesar do medo, ou por causa dele. Porque o que move o homem, acima de tudo, é o instinto primordial de sobrevivência. Tudo aquilo que tem sido essencial – matéria, glória, poder, fama, desejo de adoração – passa agora para segundo plano, porque o apelo da vida ainda consegue ser maior.

E há, talvez, um vislumbre de mudança. Da mudança possível. Sabemos que durará o tempo da crise, mas há lampejos de estrelas aspergidos sobre o planeta. E os homens invertem as

prioridades. As coisas simples tornam-se agora fundamentais. Abraços, convívios em grupo, ir à loja sem máscara, acordar para ir trabalhar, dançar a pares são as nossas urgências.

E viramo-nos para dentro da nossa intimidade, tentando um reencontro connosco, com o clã, com o passado e com o presente, porque o futuro “a Deus pertence”.

Julgo que nunca tivemos tão presente como agora a noção de que fazemos parte de um todo. Esta Pangeia fragmentada uniu agora todos os povos da pior forma possível. Poderíamos pensar que haverá um desígnio qualquer, um propósito que nos transcende, para que isto esteja a acontecer. Poderíamos tecer considerações sobre causas e consequências desta prova dura a que estamos a ser sujeitos, mas estaríamos a derivar por caminhos demasiado obscuros e difíceis de explorar, por enquanto.

Para já, o desafio, para além da segurança, claro, é o de como reencontrar, por estes dias, alguma felicidade. Podemos agora abrir-nos à criatividade (é mesmo importante que o façamos), escutar as nossas inspirações, ganhar coragem para olhar no mais fundo de nós, tentando descobrir um pouco da massa de que somos feitos - as nossas forças e fragilidades, as raivas e o poder da resignação, o que nos pacifica pelo meio da guerra das nossas tentações. O que somos e o que não somos. Agora temos algum tempo para isso.

Eu faço um plano para cada dia. E esta minha agenda íntima é uma forma de encontrar alguma normalidade. Neste mundo vastíssimo que está a reinventar-se, eu tive necessidade de criar, entre as quatro paredes da minha casa, um microuniverso onde me reinvento a mim própria.

Se estou mais feliz neste momento? Não. As sombras são demasiadas. Mas há um sentimento de reconciliação e de pertença a uma irmandade, que se fortaleceu dentro de mim.

E há esta sinfonia de Beethoven que me comove mais por estes dias, por sentir, mais uma vez, que a arte é que salva a humanidade do abismo e da loucura. Porque nos remete para uma eternidade que vemos agora tão ameaçada. E o sonho de eternidade é que move o homem e o obriga a superar-se. Por isso admiramos os artistas e os colocamos nos pedestais destinados aos deuses.

Maria João Ruivo
março de 2020

(Publicado em: *Autores Luso-Brasileiros 2020 – Sala Açoriana de Triunfo* – António Soares (coord.) e outros – Ed. Autor Luso-Brasileiro – Brasil - 2020)



FESTA DO LIVRO EM PONTA DELGADA, COM URBANO BETTENCOURT. INICIATIVA LETRAS LAVADAS (2019)



COLÓQUIO DA LUSOFONIA, LOMBA DA MAIA, S. MIGUEL, COM E. DE JESUS, U. BETTENCOURT E J. P. CONSTÂNCIA (2016)



[17º COLÓQUIO LAGOA 2012](#)



APRESENTAÇÃO DE COMO TENUÍSSIMA ESPUMA DE LUZ, DE EDUÍNO DE JESUS, NA CASA DOS AÇORES DO NORTE (2021)





[32º COLÓQUIO GRACIOSA 2019](#)

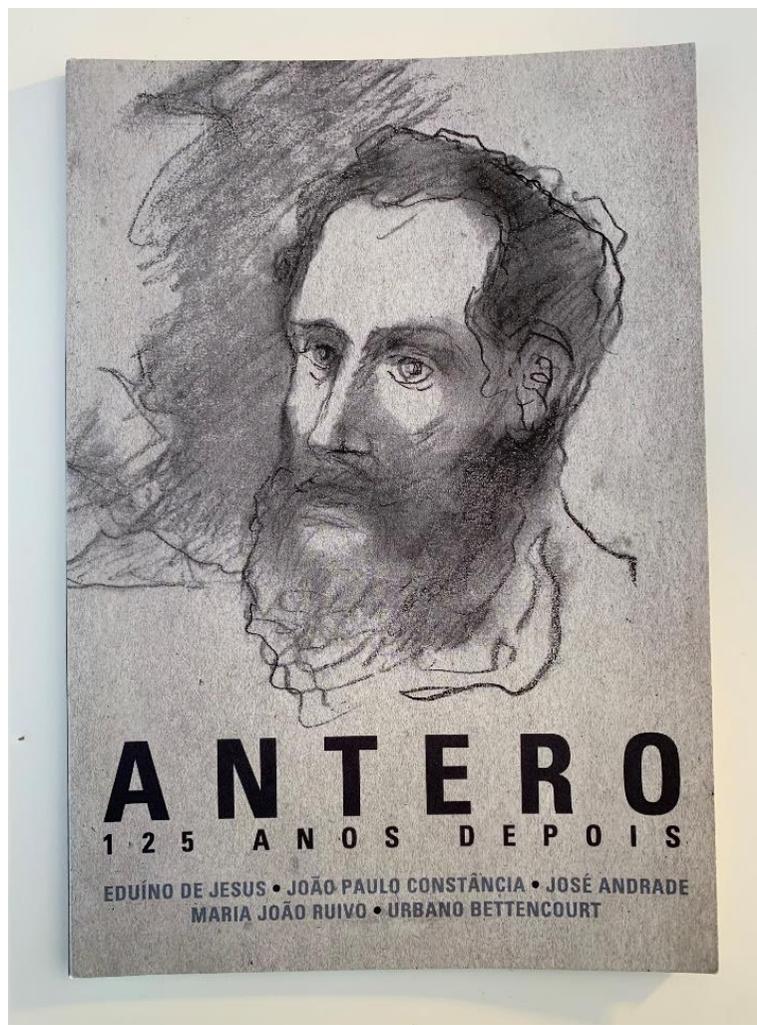


[31º BELMONTE 2019](#)

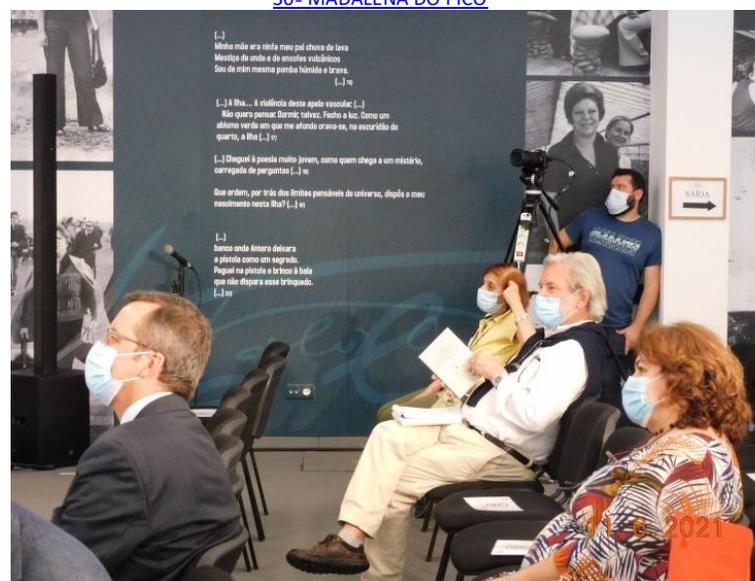


[30º MADALENA DO PICO 2018](#)

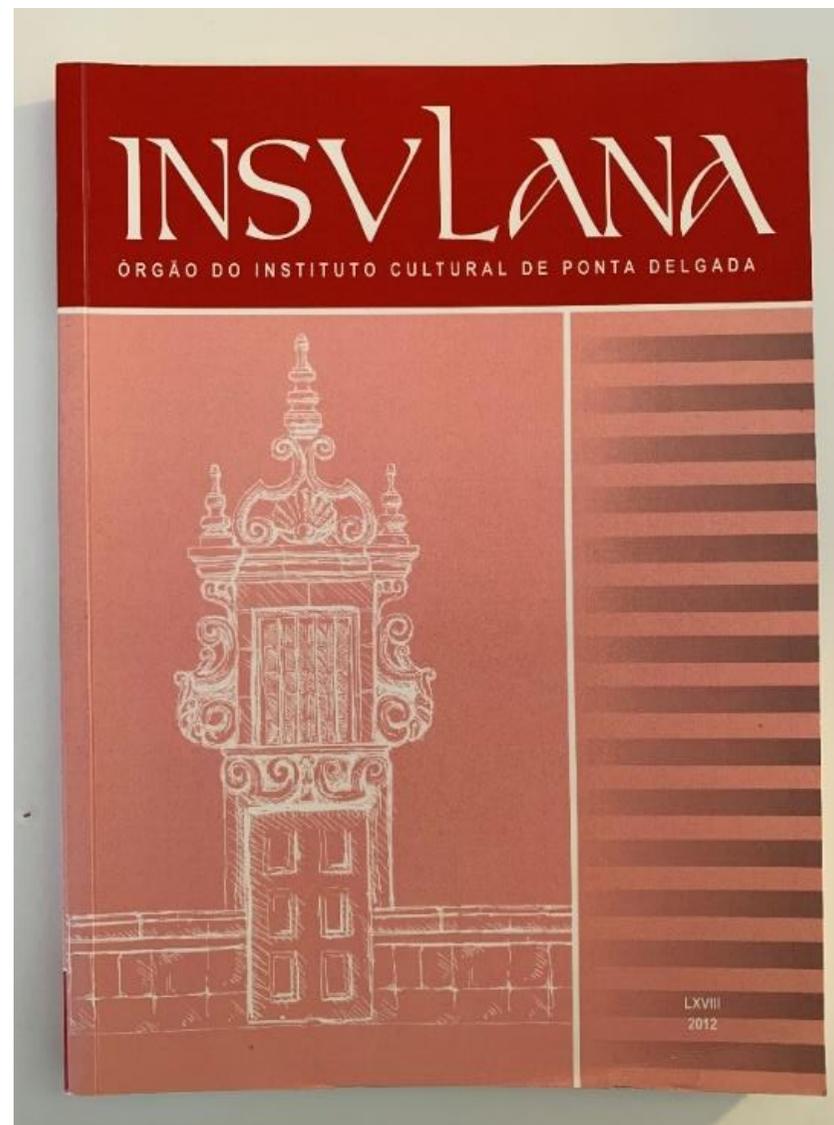
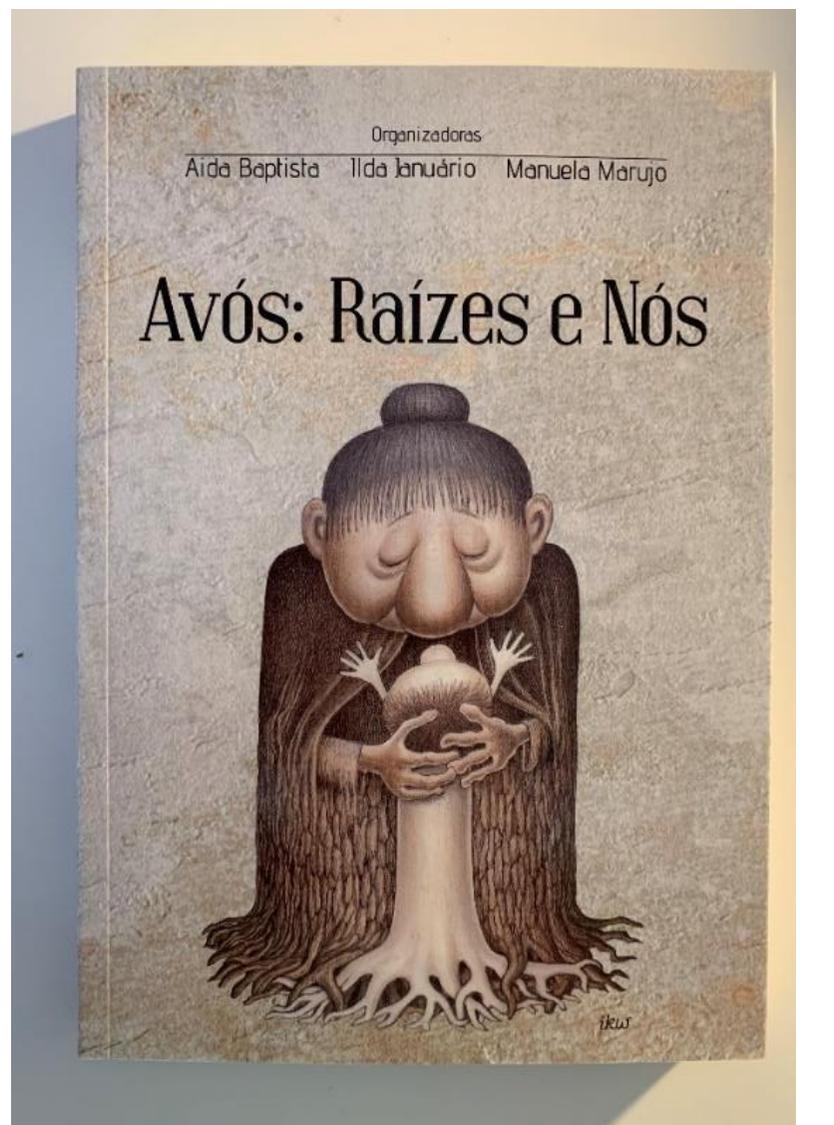




[30º MADALENA DO PICO](#)



[34º PONTA DELGADA 2021](#)





[30º MADALENA DO PICO 2018](#)



[34º COLÓQUIO PONTA DELGADA 2021](#)



[30º MADALENA DO PICO 2018](#)



[34º PONTA DELGADA 2021](#)



[34º PONTA DELGADA 2021](#)



[34º PONTA DELGADA 2021](#)



[34º PONTA DELGADA 2021](#)



[30º MADALENA DO PICO 2018](#)

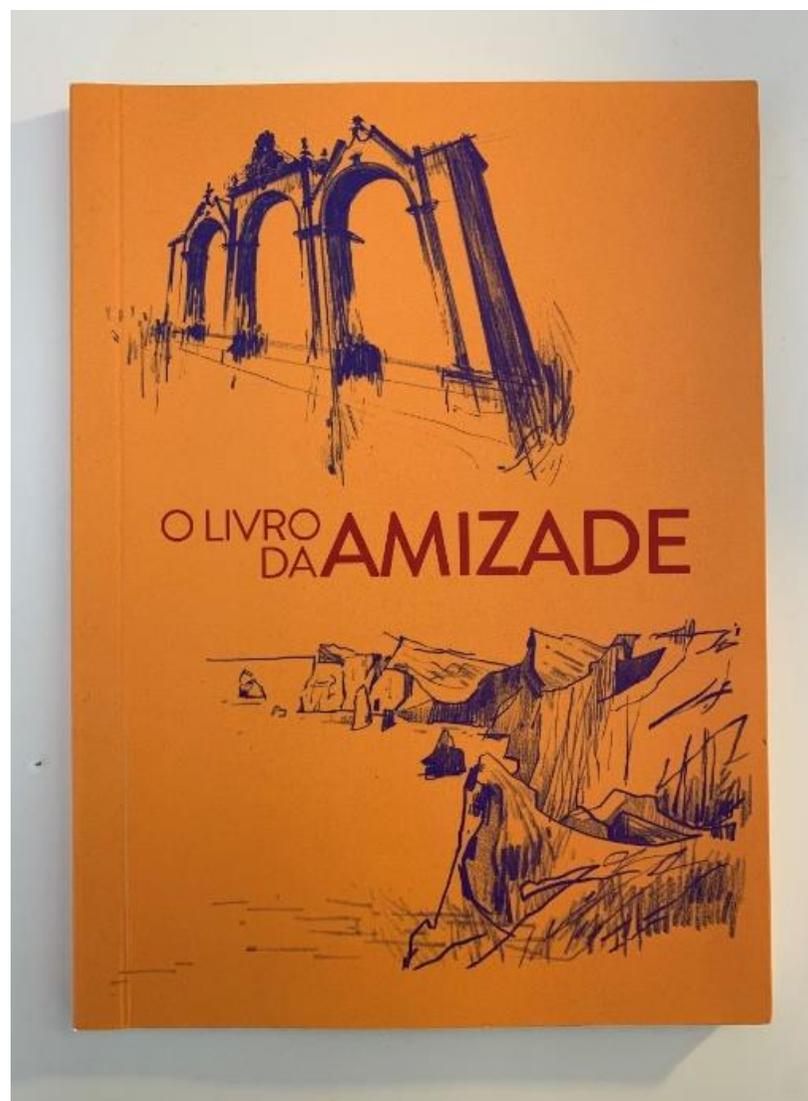
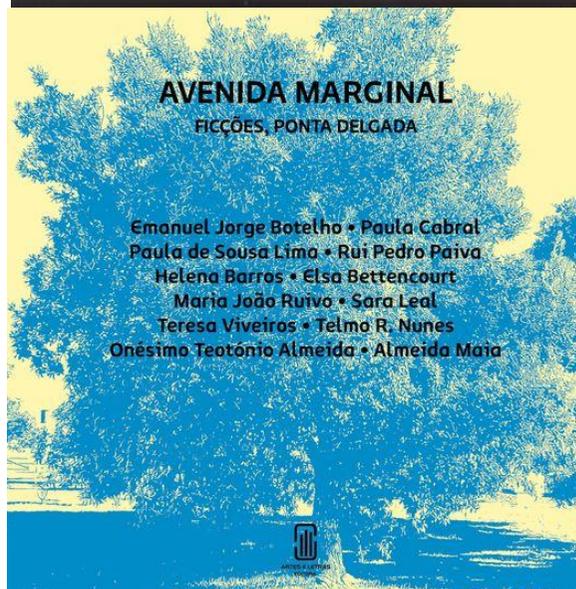


27º BELMONTE 2017



32º GRACIOSA 2018







32º GRACIOSA 2019



31º BELMONTE 2019



[26 COLOQUIO 2016 LOMBA DA MAIA](#)



[31º BELMONTE 2019](#)



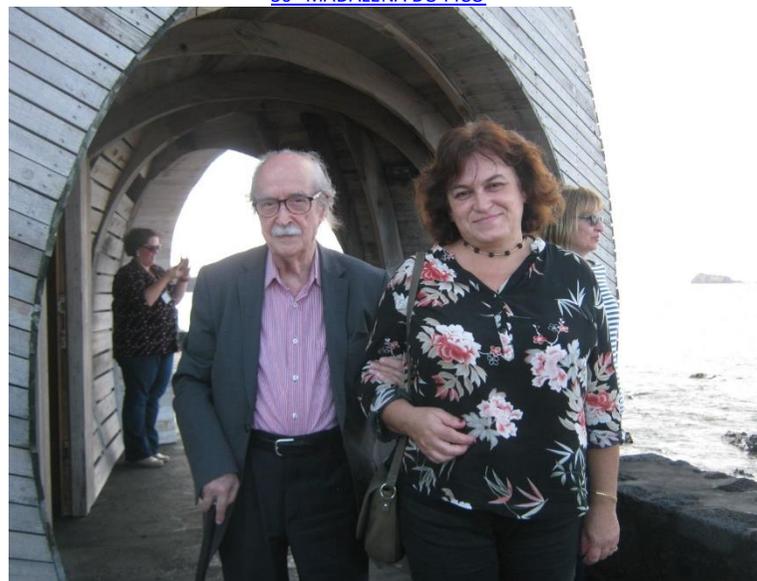
[31º BELMONTE 2019](#)



[30º MADALENA DO PICO 2018](#)



[30º MADALENA DO PICO](#)





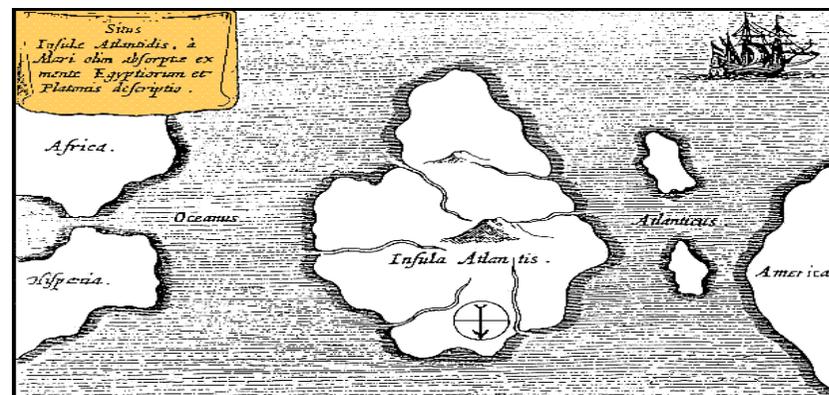
ENCONTRO NACIONAL DE POESIA, P. D. SESSÃO DE HOMENAGEM A ALGUNS POETAS
NA ESC. SEC. A. DE QENTAL (2019)



MARIA JOÃO RUIVO JUNTO À FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO, LISBOA 2013

**CADERNOS de ESTUDOS
AÇORIANOS**

**REVISTA DE
ESTUDOS
LUSÓFONOS,
LÍNGUA E
LITERATURA,
DOS COLÓQUIOS DA
LUSOFONIA**



CADERNO Nº # 40 - EDIÇÃO abril 2022

DEDICADO A MARIA JOÃO RUIVO

Todas as edições em <http://www.lusofonias.net>
<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>
E no nº 5 da Revista de Estudos Lusófonos, Língua e Literatura
<https://www.lusofonias.net/documentos/revistas.html>

Editor AICL - Colóquios da Lusofonia Chrys Chrystello
COORDENADORA DOS CADERNOS 2021-2022
– Susana L M Antunes

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por ©™® COLÓQUIOS DA LUSOFONIA AICL,
ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA
DVD ISSN 2183-9115 ONLINE ISSN 2183-9239